

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO**

**UNIRIO**

**Programa de Pós-graduação em Memória Social (PPGMS)**

**PEQUENAS MEMÓRIAS: UM CONVITE SOBRE AS POSSIBILIDADES FRENTE  
AO TRAUMA**

**Sonia Cavallini de Sá Freire Moreira Maia**

Rio de Janeiro

Fevereiro de 2014

**SONIA CAVALLINI DE SÁ FREIRE MOREIRA MAIA**

**PEQUENAS MEMÓRIAS: UM CONVITE SOBRE AS POSSIBILIDADES FRENTE  
AO TRAUMA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro como requisito para a obtenção do grau de mestre em Memória Social.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Josaida de Oliveira Gondar

.

Rio de Janeiro  
Fevereiro de 2014

M 217 MAIA, Sonia Cavallini de Sá Freire Moreira

Pequenas memórias: um convite sobre as possibilidades  
Frente ao trauma / Sonia Cavallini de Sá Freire Moreira Maia. –  
2013.

1 v., 71 folhas; 30 cm.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em  
Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de  
Janeiro como requisito para a obtenção de título de mestre em  
Memória Social. Rio de Janeiro, 2012.

1. Pequenas Memórias. 2. Memória Social. 3. Trauma  
I. Título.

CDD: 302

**SONIA CAVALLINI DE SÁ FREIRE MOREIRA MAIA****Pequenas Memórias: um convite sobre as possibilidades frente ao trauma**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro como requisito para a obtenção do grau de mestre em Memória Social.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Josaida de Oliveira Gondar

Área de Concentração: Memória Social

Linha de Pesquisa: Memória, Subjetividade e Criação

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Josaida de Oliveira Gondar (orientadora) - UNIRIO

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Anna Hartmann Cavalcanti (UNIRIO)

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Eliana Schueler Reis - Fundação Oswaldo Cruz

Rio de Janeiro

Fevereiro de 2014

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à memória de meus pais, Errio e Aurora, por terem sido exemplos de determinação, doçura e paciência e por terem passado grande parte de suas vidas me apoiando e apostando nos meus desejos!

Dedico também aos meus meninos, Marcela e Rafael, por sempre estarem comigo e pela importância que têm para mim!

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a todos os professores do PPGMS pela dedicação e rigor que demonstraram e aos meus colegas de turma, que revelaram inúmeras vezes o valor de uma amizade. Igualmente sou grata a todos os funcionários do programa.

Especialmente, agradeço a professora Eliana Reis por saber dividir com tanta generosidade seu pensamento! Certamente posso afirmar que sua ‘atmosfera’ está presente em meu trabalho (e em mim!) por ter me impregnado nesses 14 anos de compartilhamentos. Sinto muita alegria em poder tê-la aqui comigo neste momento da minha vida!!

E agradeço, também especialmente, a querida Jô, que tive um enorme contentamento em conhecer! Sempre doce, soube como ninguém me acompanhar nestas ‘pequenas memórias’, me trazendo ao chão quando necessário, mas me deixando voar quando precisei. Sábia, tem a capacidade de trazer o rigor acadêmico com uma delicadeza sem par! Que bom poder contar com você!

Gostaria também de agradecer a nossa ‘Equipe do Trauma’!! Bons encontros, amigos, produção, pensamento!! Que nossa contagiante energia continue por muito tempo! Gosto muito de todos vocês!

## RESUMO

Este trabalho toma o termo ‘pequenas memórias’ para com ele trazer algumas relações da memória com a obra do psicanalista Sandór Ferenczi (1873-1933) e a do filósofo Walter Benjamin (1892-1940). A temática relativa ao trauma e a memória é comum a ambos, bem como o privilégio que dão à catástrofe, ao sensível e ao pequeno. Procuramos mostrar a psicanálise de Ferenczi e a obra de Benjamin como conduzindo a formas criativas e positivas frente a abordagem do trauma e da memória, quer seja na clínica psicanalítica como na cultura de modo geral. Alguns conceitos de Benjamin permitem pensar num avanço nas proposições ferenczianas.

Palavras-chave: memória, trauma e criação

## **ABSTRACT**

This work takes the term “small memories” to bring some relations of the memory with the work of the Psychoanalyst Sandór Ferenczi (1873-1933) and the Philosopher Walter Benjamin (1892-1940). The theme related to trauma and memory is common to both, as well as the privilege given to catastrophe, the sensitive and the small. We aim to show Ferenczi’s Psychoanalysis and Benjamin’s work leading to creative and positive ways forward to the approach of trauma and memory, whether in Psychoanalytical clinic or in the culture in general. Some of Benjamin’s concepts allow us to think of a breakthrough in Ferenczi’s propositions.

Key-words: memory, trauma and creation

## SUMÁRIO:

Este trabalho, através do uso do termo ‘pequenas memórias’, procura refletir as relações que existem entre memória e psicanálise. A afinidade temática presente nos universos do sensível e do pequeno, inquietações que envolvem o lembrar e o esquecer e o surgimento de certos acontecimentos na prática da psicanálise que escapam das abordagens sobre a memória calcadas nas representações, foram o motivo e o impulso nesta pesquisa.

Questões relativas ao trauma ligam-se a temática apontada. Foram desenvolvidas por Sandór Ferenczi (1873-1933), psicanalista amigo e discípulo de Freud (1856-1939), autor cujas ideias partilhamos. Usamos alguns intercessores cuja produção teórica se aproxima do que pensamos e dentre eles privilegamos Walter Benjamin (1892-1940), filósofo crítico e importante pensador da cultura. Suas ideias se destacam, principalmente no tocante a seu posicionamento frente aos traumas, catástrofes e fragmentos por eles deixados.

O termo ‘pequenas memórias’ pode ser pensado como um operador que amplia nossa perspectiva acerca da comum naturalização de cunho pessimista feita ao nos referirmos a traumas e catástrofes, ligando campos distintos nos pontos que apresentam em comum. Procuramos tomar o referido termo no sentido de, com a leitura de Benjamin, aumentar o entendimento dos processos de lembrar e esquecer além de contribuir para um avanço na lida com a psicanálise proposta por Ferenczi.

O trabalho possui uma introdução, dois capítulos e uma pequena consideração final, sendo o primeiro capítulo dividido em duas partes.

Na introdução procuramos delimitar o tema trazendo uma visão geral do que entendemos como pequenas memórias. Dentro do referencial da psicanálise colocamos a questão da compulsão à repetição em Freud e nos referimos às marcas, modo de colocação das impressões no aparelho psíquico, que no primeiro capítulo abordaremos mais detidamente com Garcia-Roza.

Ainda na introdução, colocamos nossos olhos sobre as pequenas percepções de Leibniz, que mais adiante aprofundamos com José Gil. Trazemos também Ferenczi, nosso principal autor, com sua leitura acerca do trauma, e Benjamin, cuja produção teórica nos remete à psicanálise ferencziana.

No primeiro capítulo, composto de duas seções, trazemos uma leitura da Carta 52 da correspondência havida entre Freud e Fliess nos primórdios da psicanálise. Enfatizamos nessa carta os signos de percepção, parte componente de nossa memória que está fora da memória inconsciente, fora da representação. Trazemos Garcia-Roza falando da diferença entre marca e traço, formas de inscrição das percepções no aparelho psíquico, para aproximarmos as pequenas memórias dessas marcas, os signos de percepção freudianos. Apontamos com José Gil as impressões sensíveis, pequenas percepções de Leibniz, aproximando delas nossas pequenas memórias.

No segundo capítulo trataremos a articulação entre Ferenczi e Benjamin naquilo que podem aproximar-se e procuramos em Benjamin uma intercessão no sentido de lançar luz e até mesmo avançar na perspectiva clínica de Ferenczi.

Nas considerações finais buscamos um breve apanhado da pesquisa levantando os pontos que entendemos como os mais importantes existentes entre a relação da memória com a clínica psicanalítica articulando-os com os autores e com as pequenas memórias.

**INDICE**

<b>1</b>	<b>Introdução</b>	<b>13</b>
<b>2</b>	<b>Capítulo I: pequenas memórias e a Carta 52 – o que seriam ‘impressões sensíveis’?</b>	<b>21</b>
<b>3</b>	<b>Capítulo II: Ferenczi e Benjamin</b>	<b>34</b>
<b>4</b>	<b>Considerações Finais</b>	<b>66</b>
<b>5</b>	<b>Referências</b>	<b>70</b>

“Uma das principais características do tecido nervoso é a memória; isto é, em termos muito gerais, a capacidade de ser permanentemente modificado por ocorrências únicas – caráter que contrasta tão flagrantemente com a conduta de uma matéria, que permite a passagem de um movimento ondulatório para logo voltar a seu estado primitivo. Toda teoria psicológica digna de consideração terá que fornecer uma explicação para a ‘memória’” (FREUD, *Projeto para uma psicologia científica*, 1896)

## **Introdução:**

A ideia deste trabalho é trabalhar o termo ‘pequenas memórias’. Esta ideia partiu da afinidade pela temática presente nos universos do *sensível* e do *pequeno*, de inquietações que envolvem o lembrar e o esquecer e do aparecimento de ‘acontecimentos’ na prática da psicanálise que escapam das abordagens sobre memória calcadas na categoria do representacional.

As questões relativas ao trauma se ligam a este tema. Foram amplamente desenvolvidas por Sandór Ferenczi (1873-1933), psicanalista amigo e discípulo de Freud (1856-1939), e foram também o fator propiciador deste projeto, que traz aquele autor como base. Nosso intuito é buscar elementos que permitam avançar em pontos tocados pela teoria do trauma ferencziana.

Usaremos alguns intercessores cuja produção teórica se ligue com o que procuramos e dentre eles privilegiamos Walter Benjamin (1892-1940), filósofo crítico e importante pensador da cultura. Ele ganha destaque, como veremos, principalmente no que toca seu posicionamento frente às catástrofes e aos restos e fragmentos por ela deixados. Ao longo do desenvolvimento deste trabalho, vemos grandes semelhanças entre o que Ferenczi propõe na psicanálise e o que Benjamin traz em sua crítica à modernidade.

O termo pequenas memórias pode ser pensado como um operador que, ligando diferentes campos numa série de pontos comuns, procura ampliar nossa visão acerca da frequente naturalização feita quando nos referimos a traumas e catástrofes, seja a nível individual ou coletivo, que são comumente tidos como sinais apenas de destruição. Entendemos que este ‘operador’ pode ampliar significativamente a perspectiva acerca dos processos de lembrar e esquecer, componentes de nossa memória, além de contribuir para a clínica psicanalítica de modo geral.

Traremos nesta introdução alguns pontos que podem circunscrever nossa busca e desenvolveremos adiante o que deles entendemos como pertinente.

As pequenas memórias fogem de quaisquer avaliações quantitativas, sendo o termo ‘pequenas’ mais usado no sentido de *forma e funcionamento* do que no de tamanho. Colocam-se em nosso aparelho psíquico como *marcas, impressões sensíveis*, que são a matéria-prima de toda memória. Recorrendo à Freud (1856-1939) com o conceito de compulsão à repetição, podemos refletir e inicialmente marcar o que mais nos interessa nesse fenômeno que é seu funcionamento, algo que entendemos também se dar nas pequenas

memórias. Tomando a *Introdução à metapsicologia freudiana* de Garcia-Roza (1936- ) veremos do que se trata quando falamos *marcas*.

Em 1920 Freud escreve *Para além do princípio do prazer*, ensaio onde a noção de compulsão à repetição ocupa lugar central. No texto Freud questiona conceitos teóricos fundamentais marcando o início da elaboração de sua segunda teoria tópica. Adentra pelas vicissitudes da pulsão de morte, tema que o acompanhará até o final de sua produção.

O fenômeno da repetição, como um todo, confronta a psicanálise desde seus primórdios. Pensando nos sintomas, de um lado vemos que são manifestamente repetitivos (por exemplo os comportamentos obsessivos) e, de outro, em sua própria definição, ‘sintoma’ é algo que reproduz, mesmo que escamoteado, elementos de um conflito pertencente ao passado. Sabemos também que a categoria do trauma e a dinâmica da memória estão sempre presentes.

Freud nos ensina que o recalado retorna ao presente de diversas formas, a saber, por exemplo, nos sonhos, sintomas e nas atuações. Aponta que aquilo que não foi ‘entendido’ vai retornar aos moldes de uma ‘alma penada’, que sem descanso busca soluções e liberdade.

Se pensarmos no tratamento psicanalítico, vemos que sua eficácia se encontra diretamente ligada ao fenômeno da transferência, que pode brevemente ser entendida como uma re-edição na figura do analista e na relação com ele estabelecida, de ocorrências do passado do analisando. Freud coloca a rememoração, a repetição na transferência e a reelaboração como os modos dominantes no processo analítico.

Do ensaio freudiano de 1920 destacamos três fenômenos onde vemos um funcionamento que apontamos como semelhante ao das pequenas memórias. São eles o jogo do fort-da, os sonhos da neurose traumática e a já citada transferência analítica.

No referido texto Freud discute as teorias sobre a brincadeira das crianças e foca em primeiro plano seus motivos econômicos, ou seja, considera a produção de prazer envolvida. Tendo observado a brincadeira de um menino de um ano e meio, questiona-se sobre o significado de uma atividade que a criança repetia constantemente em seu brincar. O menino tinha o hábito de pegar e jogar longe quaisquer objetos que pudesse; enquanto fazia isso emitia um ‘o-o-o-ó’, som que tanto Freud quanto a mãe do menino não tomam como apenas uma interjeição, mas sim como representação da palavra alemã *fort*, que se traduz pelo inglês *gone*, participio passado de *to go*, ir, partir.

Freud compreende que se tratava de um jogo e que o uso feito pelo menino de seus brinquedos era ‘brincar de ir embora’ com eles. Um dia, o garoto tinha um carretel de madeira com um cordão amarrado na ponta e fazia com ele arremessos sobre a borda de sua cama de modo que o objeto desaparecia; junto a isso emitia seu ‘o-o-o-ó’ e depois puxava o carretel pelo cordão e saudava seu reaparecimento com um feliz ‘*da*’ (ali). Era essa a brincadeira completa, conhecida como o jogo do ‘fort-da’: desaparecimento e retorno do carretel.

A interpretação deste jogo que era repetido incansavelmente pelo menino é óbvia para Freud - trata-se da renúncia à satisfação pulsional relativa ao fato de deixar a mãe ‘ir embora’ sem protestar. Ele se pergunta:

A criança não pode ter sentido a partida da mãe como algo agradável ou mesmo indiferente. Como, então, a repetição dessa experiência aflitiva, enquanto jogo, harmonizava-se com o princípio de prazer? (FREUD, 1920, pg 27)

Destaca nesse ponto questões acerca da experiência passiva de dominação ser, no jogo que observou no menino, substituída por uma experiência ativa; uma pulsão de dominação estaria atuando independentemente da lembrança por si mesma ser agradável ou não. Aponta o fato de um impulso mental dirigido à elaboração de uma experiência de dominação poder expressar-se num evento primário que independa do princípio de prazer. Freud nos diz:

Isso porque, no caso que acabamos de estudar, a criança, afinal de contas, só foi capaz de repetir sua experiência desagradável na brincadeira porque a repetição trazia consigo uma produção de prazer de outro tipo, uma produção mais direta. (FREUD, 1920, pg 27)

Sem discutirmos a fundo questões que envolvam o prazer e o desprazer, gostaríamos de marcar no jogo do fort-da o seu funcionamento. O repetir sem parar aponta para uma possível solução do que é aflitivo para a criança, a saber, a experiência do desaparecimento da mãe. Entendemos que esta experiência tem como central uma pequena memória.

Em outro momento do referido texto, Freud fala da neurose traumática, colocada como condição que pode ocorrer após graves acidentes, desastres ferroviários ou diferentes eventos que envolvam risco de vida. Sabemos que a época que produziu este ensaio, 1920, vinha logo após a primeira Grande Guerra, conflito mundial cuja imensa amplitude traumática só viria a ser superada pela segunda Grande Guerra. Os combatentes daquele evento, que adquiriram esta neurose, apresentavam um estranho sonho.

Os sonhos da neurose traumática traziam o paciente de volta à situação de seu acidente, que fora traumático; então, algo que se entende que gostariam de esquecer e não continuamente

lembrar, ao menos quando despertos, era repetido a cada sonho. Na *Interpretação dos sonhos* (1900) Freud chega à máxima de que os sonhos seriam a realização de desejos; neste caso, qual seria então esta realização? Repetir sem parar algo ruim?? Como articular isto com o princípio do prazer, soberano nos processos mentais??

Estes sonhos trazem, tal como a brincadeira do fort-da, um tipo de funcionamento que lembra um *automatismo repetitivo* e parece apontar para a busca do esquecimento, que seria bem vindo, mas que não acontece; é como se tivéssemos num antigo disco de vinil um arranhão – ao tocar, repetidamente a agulha pularia sem seguir adiante. Entendemos que estes sonhos também como pequenas memórias.

Por último, a transferência na análise. O analista procura estabelecer com seu analisando o que Freud chamou de ‘neurose de transferência’, que pode ser brevemente entendida como uma re-edição, dentro do processo terapêutico, daquilo que não pode ser recordado. O terapeuta prefere uma recordação mas em seu lugar, por motivos que não cabe aqui desenvolver, acontece uma atualização do passado na forma de uma *repetição*.

Isto estabelecido, o esforço do analista será ‘provocar’ cada vez mais o aparecimento da recordação e cada vez menos da repetição, que não deixa de surgir apesar dos esforços que possam haver de ambas as partes. Freud nos ensina que na neurose transferencial o paciente repete na transferência seus conflitos sexuais infantis; assim, substituindo sua neurose comum pela neurose de transferência, há a busca da cura através do trabalho terapêutico.

Não cabe neste ponto um aprofundamento nestas questões; queremos antes marcar, como intuito de corroborar nossas pequenas memórias, que na transferência analítica acontece uma repetição compulsiva de eventos que foram do passado e que têm conotação traumática. Esta repetição é constituída por pequenas memórias.

Tendo colocado brevemente estes três exemplos, o jogo do fort-da, os sonhos traumáticos e a transferência na análise, gostaríamos de trazer outro ponto que pode ajudar neste entendimento. Trata-se do fato de que vemos as pequenas memórias colocarem-se em nosso psiquismo como *marcas, impressões sensíveis*. Estas marcas, como veremos no primeiro capítulo, não se põem no interior de nosso aparelho psíquico descrito pela psicanálise como fazendo parte de nossa memória stricto sensu, mesmo que algumas possam ser recordadas. O que sabemos é que Freud, em sua Carta 52 (1896), que faz parte da correspondência estabelecida entre ele e Fliess ocorrida nos primórdios da psicanálise, coloca que inicialmente

recebemos as impressões e somente num segundo momento elas adentram ao nosso inconsciente, podendo ser então reconhecidas como ‘memória’. Assim, as *marcas* de que falamos estão *fora* desta segunda inscrição, referente às representações, revelando-se como *impressões sensíveis*. Traremos nesse capítulo Garcia-Roza (1936- ) com o segundo volume da *Introdução à metapsicologia freudiana* (2008), onde define o estatuto das *marcas* de que falamos, e uma releitura da Carta 52 (1896) onde Freud descreve nosso aparelho psíquico como um aparelho de memória.

As impressões sensíveis serão abordadas em referência às pequenas percepções de Leibniz (1646-1716), da qual o filósofo português José Gil (1939- ) se aproxima em sua produção. Faremos também no primeiro capítulo uma aproximação a estes autores.

Ainda dentro do referencial da psicanálise, gostaríamos de também trazer o registro auto-erótico relativo ao desenvolvimento psicosexual que ela descreve. Recorremos a este conceito por entender que podemos defini-lo dentro de um estado de fragmentação que aproximamos ao nosso conceito. O universo auto-erótico será aproximado ao conceito benjaminiano de limiar.

Dentro do desenvolvimento psicosexual da psicanálise o registro auto-erótico antecede o registro narcísico, onde temos referência ao ‘eu’ como instância psíquica unificada; podemos brevemente entender o narcisismo como constituído num ‘momento inaugural’ onde um processo (a introjeção) unifica a parcialidade das pulsões auto-eróticas delineando nosso eu. No auto-erotismo o funcionamento pulsional se dá num estado de *dispersão de intensidades*, num jogo de forças, tal como pensamos funcionar as pequenas memórias. Vemos aí o fragmentário, o pequeno e o sutil, que também entendemos como modo de funcionamento dessas memórias.

Gostaríamos de enfatizar o fragmentário como uma categoria que carrega, mesmo que em pequenas doses e com grande sutileza, a possibilidade da criação. Positamos desta forma aquilo que pode estar estilhaçado, quebrado e disperso, colocando ênfase na dimensão criativa aqui envolvida.

Ferenczi (1833-1933) foi um psicanalista cuja matriz teórica repousa predominantemente no estágio auto-erótico que destacamos. Propõe conceitos que vão ao encontro da abordagem clínica de pacientes cuja subjetividade se dá num registro que chamou ‘clivagem narcísica’. Brevemente falando, o que Ferenczi entende como clivagem narcísica, seria uma

personalidade que após ter sofrido algo traumático se ‘quebra’, se esfacela em pedaços; não tendo sucumbido, pode *com* esses cacos procurar sua sobrevivência; é como se nessa quebra, pequenas partes ainda intactas pudessem recolher e unificar de algum modo aquilo que se quebrou, *criar* com os fragmentos (que entendemos como pequenas memórias) uma possível unificação.

Ferenczi toma o trauma numa visada criativa – é *nele, por causa dele*, que se dão as possibilidades de criação. Devemos também pensar como *traumático* algo da ordem do *excesso* no sentido de ser ‘indomável’, podendo ser tomado tanto no individual quanto no coletivo. Para Ferenczi o que define o trauma é o *desmentido*, conceito que o autor desenvolve e que também abordaremos.

Walter Benjamin (1842-1940), nosso principal intercessor, parece ter semelhante postura quando se refere ao trauma e seus resultados. Nos aproximando de sua produção pelo viés da narrativa, podemos apontar algumas coisas.

Em seu texto *Experiência e pobreza* (1933) Benjamin descreve uma modalidade de experiência (*Erfahrung*) a qual diz não mais ser encontrada na modernidade. O autor se refere a uma ‘queda’ desta modalidade de experiência que apresenta algumas características dentre as quais o compartilhamento dentro do coletivo e a transmissibilidade através das gerações.

Esse texto inicia com uma fábula que traz a história de um vinhateiro no leito de morte. Ele chama os filhos para revelar-lhes que, enterrado em seus vinhedos eles achariam um tesouro. Após a sua morte, os filhos correm e escavam toda terra em busca do tesouro e nada encontram; porém, na próxima estação nascem as mais belas uvas que as terras já produziram. Este era o ‘tesouro’, isto é, uma *mensagem* de que a riqueza advém de uma labuta, advém dessa experiência.

Para Benjamin o que importa nessa fábula é que o pai fala do leito de morte e que os filhos o escutam, respondem a essa palavra paterna reconhecendo em atos que *algo* passa transgeracionalmente, algo bem maior que as suas experiências individuais, maior mesmo que sua própria existência individual – o pai passa algo que transcende a vida e a morte particulares, algo que fala aos descendentes. Seria a *Erfahrung* acima referida.

Às experiências da modernidade, que não levam em conta as características apontadas, Benjamin chama *Erlebnis*; é uma experiência individual, não compartilhada e solitária, típica do homem moderno.

Benjamin realiza uma crítica à modernidade fazendo um contraponto entre essas duas experiências, apontando o que chama de um ‘declínio’ no que diz respeito às narrativas tradicionais. Analizando *O narrador*, texto benjaminiano escrito entre 1928 e 1935, podemos entender que o autor coloca como exigência posta pelo término das narrativas tradicionais uma *outra* narração, vinda das ruínas da narrativa, dos cacos de uma tradição esmigalhada. Esta *outra* narração seria produzida por um novo narrador que estaria pronto para, no meio das grandes cidades modernas, fazer do caco, lixo e sucata que encontra, material para suas histórias.

Entendemos que Benjamin propõe uma modalidade narrativa vinda do recolhimento dos fragmentos deixados pelo esfacelamento da narrativa tradicional. Assim, da destruição, mais especificamente dos fragmentos que dela restaram, ele propõe a criação. Isto parece ir ao encontro do posicionamento da psicanálise de Ferenczi, isto é, *do traumático e através dele, advir o novo*.

No segundo capítulo trataremos uma possível articulação das pequenas memórias com alguns pontos da teoria do trauma de Ferenczi. Procuramos, fazendo um breve apanhado de uma vertente da mística judaica da qual Benjamin parece seguir, corroborar nosso conceito e avançar dentro da psicanálise proposta por Ferenczi. Além disso, colocaremos onde a abordagem de Benjamin traz conceitos que se mostram pertinentes na psicanálise ferencziana.

“Essas pequenas percepções, devido às suas consequências, são mais eficazes do que se pensa. São elas que formam esse não sei quê, esses gostos, essas imagens das qualidades dos sentidos, claras no conjunto, porém confusas nas suas partes individuais, essas impressões que os corpos circunstantes produzem em nós, que envolvem o infinito, esta ligação que cada ser possui com o resto do universo” (LEIBNIZ, prefácio dos *Novos Ensaios sobre o entendimento humano*, 1701/1704)

## Capítulo I: pequenas memórias e a Carta 52 – o que seriam ‘impressões sensíveis’?

### Parte (1):

O intuito deste sub-capítulo é nos aproximarmos do entendimento do que chamamos de pequenas memórias no interior do psiquismo. Para fazê-lo realizaremos um mergulho na Carta 52 (1996) de Freud, parte de sua correspondência com Fliess, onde ele nos apresenta seu modelo de aparelho de memória da psicanálise.

Faremos uma distinção entre as duas formas de impressão psíquica, o *traço* e a *marca*, que para nós é importante para entender o funcionamento das pequenas memórias, uma vez que as vemos como *marcas*. Para isso vamos nos valer do ensino de Garcia-Roza (1936- ).

No segundo volume da sua *Introdução à metapsicologia freudiana*, intitulado *A interpretação do sonho*, Luiz Alfredo Garcia-Roza tece uma explanação acerca da memória em Freud. Neste trabalho ele coloca a questão das *marcas*. Vejamos.

Garcia-Roza pontua o fato de que desde seus primeiros textos Freud vê a memória como a principal referência quando pensa o aparelho psíquico. Em 1891 em *Sobre as afasias* Freud coloca o aparelho psíquico como um aparelho que articula representações e linguagem, isto é, um aparelho que se concebe como aparelho de memória e de linguagem.

A memória freudiana se constitui de *traços*, sendo estes *impressões*, que após a *Carta 52* (1896) e a *Interpretação dos sonhos* (1900) são pensados como um texto. Garcia-Roza coloca a questão de diferenciar uma impressão e um traço.

A impressão (*Eindruck*) seria para Freud um momento primário de nossa memória; é distinta do estímulo, da sensação e também da representação. Melhor dizendo, a impressão estaria situada antes da inscrição propriamente dita e após a sensação.

Nos aproximando da discussão que Freud faz do caso ‘Katarina’, em *Estudos sobre a histeria* (1893-1895), vemos a noção de impressão ligada à noção de trauma psíquico e de histeria. Nesse momento o trauma não é tido como a impressão por si só, mas sim é visto a partir do entendimento sexual que seria posterior ao evento traumático; Freud afirma que nas histerias cuja etiologia é um trauma sexual encontramos ‘impressões da época pré-sexual’ que posteriormente, como lembranças, irão adquirir um valor de trauma.

Neste sentido, o caso de Katharina é típico. Em toda análise de um caso de histeria baseado em traumas sexuais, verificamos que as impressões do período pré-sexual que não produziram nenhum efeito na criança atingem poder traumático numa data posterior como lembranças, quando a moça ou a mulher casada adquirir uma compreensão da vida sexual. (FREUD, 1893-1895, pg 182)

Assim, como bem pontua Garcia-Roza, a impressão posteriormente traumática deve passar pela mediação de algo que a represente, uma lembrança que se ligue a ela e a coloque não mais como impressão mas como símbolo mnêmico; deste modo a histeria usa o símbolo como recurso para unir a impressão e o acontecimento que reatualiza essa impressão. É a noção de *a posteriori* que esta em jogo – o símbolo mnêmico designa essa memória que articula a impressão da infância e o acontecimento nesse *depois*.

Garcia-Roza lembra que nos primeiros trabalhos freudianos o termo *impressão* leva a uma infinidade de fenômenos que se referem à primeira infância e que nem sempre se ligam a situações traumáticas; faz uma diferença entre impressão passiva e impressão ativa. Diz:

Neles a impressão é tomada num sentido mais passivo, próximo da noção de impressão sensorial à diferença do sentido mais ativo que Freud posteriormente confere à noção de impressão, como, por exemplo, no caso do ‘Homem dos lobos’(1917), em *Além do princípio do prazer* (1920) e em *Inibição, sintoma e angústia* (1926). (GARCIA-ROZA, 2008, pg54)

Mas, o importante a observar é que Freud não considera a possibilidade da impressão ser conservada pela memória a não ser como um *traço* ou *representação*. Desta maneira, vemos que a impressão é exterior à linguagem e ao sentido, não se inserindo dentro daquilo que é passível de ser lembrado ou esquecido.

Isto pode parecer estranho, paradoxal, mas esta *impressão* que não entra na memória stricto sensu é a que nos interessa. Garcia-Roza vai designá-la como *marca*. Ele diz:

A impressão tem muito mais o estatuto de uma *Prägung* do que de um significante, ou, a se considerá-la como um signo, ela é mais da ordem do sinal ou índice do que da ordem do significante. (GARCIA-ROZA, 2008, pg 54)

Garcia-Roza lembra ainda que esta impressão, a *marca*, não é uma memória –lembrança mas sim é algo que permanece ali sem ser inscrito no inconsciente na forma de uma ‘pura intensidade’.

Não se trata de uma memória-lembrança, mas da permanência de algo que não foi inscrito no inconsciente mas que permaneceu como

pura intensidade, memória da pura impressão e não do traço que a representa. (GARCIA-ROZA, 2008, pg 55)

Mais adiante, baseando-se na Carta 52 de Freud, Garcia-Roza equivale a *marca* aos signos de percepção (Wahrnehmungszeichen), que falaremos adiante, entendendo-os como signos não ligados, isolados. Lembra que Freud corresponde nessa carta os *traços* às inscrições destes signos no interior do sistema inconsciente formando então um sistema de signos e não mais um registro de impressões isoladas.

Vamos agora à Carta 52 (1896). Nela Freud apresenta a ideia de uma memória muito seletiva e marcada por rearranjos e retranscrições dos traços que a compõe. O aparelho mnêmico é apresentado como tendo uma entrada pelas percepções (W – Wahrnehmungen) e uma saída na consciência (Bewusstsein); entre esses pontos estariam localizados basicamente três tipos de registros que levariam em conta os neurônios que são seu veículo. W, o polo das percepções, nada conserva do que acontece e liga-se à consciência o que implica dizer que memória e consciência são excludentes. O primeiro dos três registros é o das *indicações de percepção* (os signos de percepção, as *marcas* que trouxemos anteriormente); simbolizados pela sigla Ws (Wahrnehmungszeichen), Freud coloca o conteúdo deste registro como praticamente incapaz de chegar à consciência, dispondo-se conforme associações por simultaneidade. O segundo registro, Ub (Unbewusstsein), é o inconsciente; dispõe-se talvez por relações causais e não tem também acesso à consciência. O terceiro registro, Vb (Vorbewusstsein), é nossa pré-consciência e se liga às representações verbais, correspondendo ao nosso ego e tornando-se consciente segundo certas regras.

Freud pensa esses registros como representando realizações psíquicas de épocas sucessivas do desenvolvimento e afirma que entre eles deve haver uma ‘tradução’ do material psíquico. A cada tradução a anterior é inibida e dela é retirado o processo de excitação; se há falta de uma transcrição subsequente, a excitação sofre um manejo segundo as leis do período anterior. Freud fala de um ‘anacronismo’, isto é, há a presença num determinado registro de conteúdos que podem não estar de acordo com a sua época.

Cada transcrição subsequente inibe a anterior e lhe retira o processo de excitação. Se falha uma transcrição subsequente, a excitação é manejada segundo as leis psicológicas vigentes no período anterior e consoante as vias abertas a essa época. Assim persiste um anacronismo: numa determinada região ainda vigoram determinados ‘fueros’, estamos em presença de ‘sobrevivências’. (FREUD, 1896, pg 319)

*Fueros* são certas inscrições que vigoram segundo suas próprias leis, numa localização do aparelho onde vigorem outras leis. Freud usa este termo retirado do direito. *Fueros* eram os estatutos jurídicos aplicáveis em certas localidades com a finalidade de regular a vida destes locais, estabelecendo ali um conjunto de normas, direitos e privilégios outorgados pelo rei ou senhor da terra. Foi um sistema de direito local usado na Península Ibérica a partir da Idade Média, sendo importante fonte do direito medieval espanhol.

Freud aponta que uma ‘falha na tradução’ é conhecido clinicamente por recalque e é gerado pela produção de desprazer que seria causada se o registro fosse traduzido – é como se o desprazer provocasse um movimento no aparelho impedindo o trabalho de tradução para um registro adiante.

Uma falha na tradução – isto é o que se conhece clinicamente como ‘recalque’. Seu motivo é sempre a produção de desprazer, que seria gerado por uma tradução; é como se esse desprazer provocasse um distúrbio do pensamento que não permitisse o trabalho de tradução. (FREUD, 1896, pg 319)

Vamos agora nos aproximar mais da diferenciação que podemos realizar entre as *marcas* e os *traços*, estes últimos definidos como impressões que se inscreveram no inconsciente sendo o que Freud toma como memória.

É em torno do conceito de *traço* (*Spur*) que Freud desenvolve sua teoria sobre a memória. Vemos que tanto o *traço* e a *marca* são conceitos diferentes. O traço é traço de uma impressão, é a forma que uma impressão mantém seus efeitos; o traço, no entanto, é diferente da impressão por supor uma ‘inscrição’. A marca não possui esta inscrição. O conjunto das inscrições forma um sistema de signos que é nossa memória. Garcia-Roza cita:

Traço é traço de uma impressão. O traço é a forma pela qual a impressão mantém seus efeitos. Diferentemente da impressão, ele supõe uma *inscrição*, sendo que o conjunto das inscrições forma um sistema de signos. (GARCIA-ROZA, 2008, pg 58)

Garcia-Roza comenta que, em geral, quando Freud toma o aparelho psíquico estruturalmente, usa o termo *traço* para falar do material mnêmico; quando fala da gênese do aparelho, usa o termo *impressão*. Porém, isto não é seguido à risca por Freud, o que torna frágil a distinção entre os dois termos.

Para os fins deste projeto, que trata principalmente da teoria do trauma em Ferenczi, interessamos frisar que nossas pequenas memórias se aproximam do que trouxemos como *marca*; são impressões que não estão inscritas como um sistema de signos e não se encontram na

memória inconsciente stricto sensu nem no pré-consciente, sistemas do aparelho psíquico entendidos como nossa memória representacional.

Arriscamos apontar que essas marcas, que são pequenas memórias, são um ‘tipo’ de memória dotada de determinada forma e funcionamento, podendo assim se constituir como lembranças, embora dotadas de certas características das quais destacamos em nossa introdução a *compulsão à repetição*.

Entendemos que as duas modalidades descritas, o traço e a marca, se definem por noções distintas. Essa diferença é importante pois distingue dois fenômenos clínicos: a ‘compulsão’ e a ‘compulsão à repetição’, o primeiro remetido à esfera do recalçamento e à memória inscrita por traços, e o segundo remetido à um ‘para além’ do recalçado, fora das representabilidade, no registro das marcas. Pensamos que esta memória de marcas tem como característica marcante o ‘aparecer’, ao invés do ‘representar’.

De acordo com Freud, os traços mnêmicos estão sujeitos a arranjos e rearranjos feitos em inscrições e retranscrições; com as marcas ocorre algo diferente – sua energia não passa por estes processos descritos na Carta 52.

Em 1920 Freud escreve *Além do princípio do prazer*. Nesse texto ele fala do choque e do trauma retomando argumentos contidos em seu trabalho de 1896. Refletindo sobre os sentimentos de prazer e desprazer, diz que adotamos um modo específico de tratar dos sentimentos internos que causam desprazer que é trata-los como se fossem externos, colocando o escudo protetor de estímulos como defesa contra eles. Descreve como ‘traumáticas’ as excitações externas que possam atravessar esse escudo apontando o conceito de trauma como ligado a este modo de ruptura de uma barreira.

Freud marca que o trauma estaria destinado a desorganizar o funcionamento do aparelho psíquico colocando em ação todas as defesas possíveis e pondo fora, ao menos por um tempo, o princípio do prazer. Coloca assim o problema da *dominação* dos estímulos.

Quando se está frente a um trauma, o princípio do prazer é posto em xeque; a angústia de ‘sinal’ não cumpre sua missão e qualquer estratégia defensiva não é o bastante para conter uma ‘inundação’. O ego ameaçado em sua integridade tem a *compulsão à repetição* como forma de lidar com o excesso, que não se inscreve como traço, não se vincula. Essa impressão, cujo efeito é a compulsão à repetição e o estatuto é de uma marca, é uma pequena memória.

Tentemos resumir. Estímulos chegam ao nosso aparelho psíquico e podem tomar basicamente duas direções; estas direções têm a ver com a capacidade do aparelho de dominar ou não estes estímulos – se são dominados, adentram no pré-consciente e no inconsciente constituindo-se como *traços mnêmicos* formando nossa memória representacional. Se não são dominados, o quê não caracteriza de modo algum um ‘defeito’ do aparelho, são o que vimos como *marcas*.

Entendemos que estas marcas podem ser caracterizadas como *impressões sensíveis* e para pensa-las vamos abordar o campo das *pequenas percepções* de Leibniz, que falaremos no sub-capítulo que se segue.

## Parte (2):

Ao colocarmos nosso aprofundamento na Carta 52 (1896) de Freud, fizemos questão de apontar a diferença entre duas modalidades de inscrição possíveis em nosso aparelho psíquico; dissemos das *marcas* e dos *traços*, ambos percebidos e capturados em nossa memória, e privilegiamos as *marcas* para o entendimento de nosso conceito, as ‘pequenas memórias’.

Elas funcionam tal como os signos de percepção freudianos descritos naquela carta, cuja expressão se faz notar no fenômeno da compulsão à repetição, como trouxemos na introdução; dissemos também que são *impressões sensíveis*.

Neste sub-capítulo vamos procurar um maior entendimento dessas impressões, uma vez que são a matéria-prima de nossas ‘pequenas memórias’. Para falarmos disto vamos a Leibniz (1646-1716) e a José Gil (1939- ).

No prefácio dos *Novos Ensaios sobre o Entendimento Humano* (1701/1704), Leibniz (1646-1716) conversa com Locke (1632-1704) sobre suas produções. Coloca-se radicado no platonismo, apontando sua diferença com o colega que se mostra aristotélico, e diz que suas diferenças versam sobre ‘matérias de alguma importância’. O assunto em pauta é saber se a alma em si é completamente vazia ou se contém originalmente princípios de várias noções e doutrinas que se despertariam por objetos externos e na ocasião certa.

Esta reflexão, alias muito interessante, leva Leibniz a não negar que exista em nós Ser, Unidade, Substância, Duração, Mudança, Ação, Percepção e outros objetos os quais temos em nós na qualidade de inatos e que ‘apareceriam’ mediados por nosso entendimento – mesmo que não sejam sempre percebidos por nossa vida do dia-a-dia.

Num trecho da referida obra, Leibniz nos fala de virtualidades inatas em nós. Diz:

É desta forma que as ideias e as verdades estão inatas em nós: como inclinações, disposições, hábitos ou virtualidades naturais, e não como ações, embora tais virtualidades sejam sempre acompanhadas de algumas ações, muitas vezes insensíveis, que lhes correspondem. (LEIBNIZ, 1988, pg 6)

Leibniz segue comentando Locke até colocar que acredita existirem em nós a todo momento muitas percepções sem apercepção ou reflexão, entre elas fala de ‘mudanças na alma’, as quais não nos damos conta por inúmeras razões: pelo fato das impressões serem ou muito insignificantes ou em número elevado, ou muito unidas, de modo que isoladas nada tem de

distinto, porém, associadas a outras produzem efeitos e se fazem sentir ao menos confusamente.

Leibniz traz o exemplo do bramido do mar para falar das pequenas percepções. Para ouvi-lo precisamos ouvir *as partes* que compõem o bramido, isto é, cada pequeno ruído de onda. Afirma que somos afetados, por menos que seja, pelo movimento de cada minúscula onda contida no bramido; se assim não fosse, não poderíamos ouvir o todo. Cada pequeno ruído seria uma pequena percepção. Ele diz:

Essas pequenas percepções, devido às suas conseqüências, são por conseguinte mais eficazes do que se pensa. São elas que formam este não sei quê, esses gostos, essas imagens das qualidades dos sentidos, claras no conjunto, porém confusas nas suas partes individuais, essas impressões que os corpos circunstantes produzem em nós, que envolvem o infinito, esta ligação que cada ser possui com todo resto do universo. (LEIBNIZ, 1988, pg 8)

Mais adiante Leibniz aponta que essas *percepções insensíveis* são tão usadas nas ‘ciências do espírito’ quanto corpúsculos insensíveis o são na física, lembrando que na natureza nada se faz aos saltos; um movimento não nasce imediatamente do repouso ou se reduz de repente. Assim corrobora sua tese de que as percepções grandes e notáveis provem de uma gradação daquelas insignificantes para serem notadas.

No prefácio de *A imagem-nua e as pequenas percepções* (1996) José Gil nos aproxima da leitura de fenômenos relacionados a limiares onde percepções infinitesimais entram em jogo. Sua abordagem parece servir ao entendimento que buscamos, a saber, como podemos pensar uma *impressão sensível*, caracterização que trazemos para nossas pequenas memórias.

Gil comenta Merleau Ponty quando este analisa a noção de ‘invisível’ lembrando que nenhum outro filósofo dentro da fenomenologia explorou com tanta agudez as questões ligadas à percepção estética e ao fenômeno artístico. Gil traz que Ponty forja um conjunto de conceitos dos quais privilegia o de ‘invisível’.

Gil avança com a questão do ‘invisível’ nos pondo a refletir acerca de domínios onde o estudo das percepções infinitesimais de Leibniz se faz imprescindível. Fala-nos da comunicação artística como um fenômeno não-consciente, de *osmose*, próprio de fenômenos de limiar e assevera que o campo das pequenas percepções, ao menos numa primeira aproximação, é apreendido como um fenômeno dessa ordem.

As ciências humanas, tal como a psicanálise, psiquiatria, antropologia ou sociologia, são vistas por Gil como conhecedoras desse tipo de fenômeno; a situação de transferência analítica ou psicótica, por exemplo, revela estados psíquicos ‘crepusculares’, ‘simbióticos’ ou indefinidos. Também podemos pensar com o autor nas relações de influência, que vão desde a publicidade até as relações políticas, ou ao mais sutil contato entre dois seres, que gera essas ‘forças não-conscientes’.

O autor fala do grande domínio ainda mal explorado ligado à magia ou feitiçaria e dos estudos de rituais e adivinhações como campos onde se faz presente as ‘pequenas percepções’, e para nós as pequenas memórias.

Sabemos que em muitas disciplinas das ciências humanas recorremos a noções homônimas que ao mudarem seu campo operatório não têm o mesmo significado. Por exemplo, o ‘inconsciente’ referido na psicanálise não é o mesmo que opera nos rituais de transe ou cura mostrados na etnologia; estas noções, que atravessam aquelas ciências, são vistas por José Gil como necessitando com urgência de um rigor ainda inexistente; este rigor é uma condição indispensável à interdisciplinaridade. Entram neste rol as noções de corpo, força, identificação, osmose, caos, memória e outras.

Essas noções descrevem fenômenos relacionados a ‘limiaries’ de campos bem definidos e podem ser vistos como fenômenos de fronteira no que se refere ao inconsciente e a consciência. Eles não possuem campo operacional próprio e podem ser pensados como dependendo em geral do movimento das pequenas percepções de Leibniz.

Gil aposta numa fenomenologia desses fenômenos de fronteira. Lembra do ensaio freudiano de 1915, *O inconsciente*, onde Freud chega a caracterizar os conteúdos psíquicos inconscientes como ‘uma representação de coisa só’, separada da representação de palavra correspondente, e avança nomeando de ‘imagem-nua’ um tipo de imagem que seria despojada de sua significação verbal.

Não se trata unicamente de conteúdos psíquicos tais como as imagens do sonho ou do fantasma recalcado, mas – afastando-nos agora de Freud – de toda espécie de imagem, desde o bocado do muro cinzento que, entrevisto ao virar da esquina, nada significa, ao conjunto de formas e cores que constitui uma pintura. (JOSÉ GIL, 1996, pg15)

Estas imagens carregariam consigo conteúdos não-conscientes ‘produtores’ de pequenas percepções e seriam muito mais ricas do que as mensagens verbais que a elas pudessem ser

remetidas. Não podemos deixar de pensar numa associação destas imagens com o conceito que procuramos neste trabalho - nossas pequenas memórias podem ser vistas neste registro.

Ainda falando das imagens-nuas, Gil as associa a forças, tal como Leibniz já notara, e provocam um tipo de ‘apelo’ aos sentidos, como se empurrassem o espírito à procura das significações verbais ausentes. Não podemos pensar aqui no ‘funcionamento’ daquilo que trouxemos em nossa introdução, as compulsões à repetição??

Noutro momento do livro falando do ‘olhar’ e da ‘visão’, Gil coloca o olhar como uma espécie de linguagem não-verbal que surge na visão; seria uma linguagem relativa às pequenas percepções, que buscam caminhos para significações ainda inexistentes.

Esta linguagem não-verbal do olhar, que entendemos ser também de nossas pequenas memórias, visa constituir *atmosferas* para melhor lançar e captar forças, energias. Podemos pensar que as noções de força, inconsciente e atmosfera ampliam e modificam o campo operatório da fenomenologia abrindo brechas para estudarmos os ditos fenômenos de limiar. Gil traz essas noções retomando os estudos pontyanos acerca do fenômeno artístico e da percepção estética.

Estas ‘atmosferas’, feitas de pequenas percepções, formam o que Leibniz descreve como gostos, imagens das qualidades dos sentidos, enfim, ‘impressões’ que os corpos realizam ligando-nos ao universo.

Um ‘olhar’ é uma entrada numa atmosfera de pequenas percepções, uma ‘poeira’ de ínfimos movimentos que nada tem de preciso, traz ‘anúncios’, ‘pré-sentidos’. Assim um olhar entrando noutro olhar pode construir uma coreografia de forças – uma tensão, um jogo de forças onde temos atrações, repulsões, enfim uma dinâmica que apostamos existir nas pequenas memórias.

Outros pontos aproximam nosso conceito das ideias trazidas por Gil. Eles nos remetem também ao que trouxemos na Carta 52 de Freud com os signos de percepção.

Com o olhar Gil nos convoca a refletir na possibilidade da existência de uma vocação, um tipo de ‘quase-linguagem’ que comunica o invisível por um contato onde sutileza e leveza se fazem presentes. Ao invés da linguagem, uma atmosfera de forças, quase-forças que se agitam num envolvimento, fazendo emergir ‘contornos’, formas vazias, de onde podem (ou não)

emergir significados. Vemos aqui possibilidades criativas, que apontaremos adiante nas relações que vemos entre o trauma, a criação e a emergência do novo.

Os movimentos das pequenas percepções podem originar macropercepções – aquelas formas invisíveis são investidas de muito mais possibilidades que as visíveis. Entendemos que essas ‘formas’ são pequenas memórias; são ‘formas de força’ que embora sutis revelam o que percebemos ‘sem perceber’.

Podemos falar de pequenas percepções (e pequenas memórias!) pela via da percepção estética, tal como nos traz Gil quando fala da percepção estética. Num pequeno ensaio intitulado *As pequenas percepções*, no livro *Razão Nômade* (2005), Gil nos leva a refletir sobre o papel que desempenham as pequenas percepções no processo perceptivo de um objeto artístico visual.

Toma um quadro e descreve três regimes de olhar; no primeiro, ‘trivial’, percebemos as formas, linhas e figuras geométricas; no segundo regime, nosso olhar descobre outros movimentos e relações entre as formas e cores; é percebida outra combinação do espaço e do tempo e nos tornamos parte integrante do quadro. No último regime, modifica-se a percepção do conjunto das formas que se ‘animam’ como se tivessem vida própria.

Este terceiro nível de percepção pode ser chamado de ‘estético’ ou ‘artístico’ e traz consigo algo que não é somente cognitivo ou sensorial, mas sim uma ‘percepção de forças’, uma verdadeira linguagem de forças. Aqui apontamos o movimento das pequenas percepções e apostamos que seja também o de nossas pequenas memórias.

Nossas pequenas memórias, como as pequenas percepções, têm o poder de transpor determinado código sensorial para outro; uma ‘poeira’ de percepções de cor pode produzir uma ‘força’ semelhante à emanada por uma ‘nuvem’ de pequenas percepções sonoras. Isto ocorre pois as pequenas percepções surgem em atmosferas de inúmeras tensões caóticas onde mundos se anunciam através de ‘formas de forças’ que são resultado da totalidade dos jogos de forças que movem a atmosfera e nela desenham uma ‘curvatura’, que pode ser pensada como uma tendência maior, direção de um movimento.

Por esta perspectiva, um movimento qualquer pode ser pensado como um ‘aparecimento’ que veio deste caos perceptivo e que este ‘aparecer’ teve que levar a melhor sobre todo o ‘peso’ do mundo que a ele se opunha. Gil diz:

Num outro plano, a situação de qualquer homem a qualquer momento é a mesma: tem de agir, falar, comunicar, pensar. Deverá portanto *inscrever* na superfície das coisas (superfície que se encontra já no seu espaço interior) uma expressão qualquer; é obrigado a fazer um esforço para conseguir pesar o bastante sobre o conjunto do mundo que lhe opõe uma resistência. (JOSÉ GIL, 1996, pg 278)

Podemos pensar que para que haja 'vida' há de se vencer uma resistência, há que se formar um vetor dentro desse caldo de pequenas percepções dirigido no sentido de uma organização que possa promover a inscrição de nossos desejos. Entendemos que nossas pequenas memórias fazem parte desse caldo caótico. E mesmo e apesar das resistências, elas 'aparecem', se fazem sentir.

Gil reflete acerca de uma manifestação desta ordem lembrando que há sempre no mundo uma resistência manifesta, mesmo quando a expressão de uma força seja favorável; aponta que toda passagem à expressão modifica e perturba a ordem do mundo num dado instante e lembra que essa passagem é uma manifestação de 'potência'.

Gostaria de marcar que estamos falando de quaisquer movimentos, mas enfatizo aqueles cuja aparição é da ordem da invisibilidade, da sutileza, pois entendemos que é dentro desse universo que encontramos fios condutores de criatividade.

“Diante deste dilema (*a possível interrupção do processo de análise*), a análise parece fracassar; o único ponto que se oferece para uma posição de recuo estratégico é que o analista manifeste sua pena quanto a essa saída e compreenda, a partir de sua própria experiência, que àquele que sofreu um ataque traumático, se se quiser que o processo encontre uma outra saída que não a original, cumpre oferecer algo na realidade, pelo menos tanta solicitude, ou a intenção real de tê-la, quanto a que deve receber uma criança duramente afetada por um trauma.....Se isto não lhe for oferecido, fica então entregue a um sofrimento mudo e feroz, e se não estiver presente pelo menos um ser humano com quem possa abrir-se, ficará pairando numa solidão majestosa acima das circunstâncias...” (FERENCZI, *Diário Clínico*, 02/02/1932)

“A felicidade capaz de suscitar nossa inveja está toda, inteira, no ar que respiramos, nos homens com os quais poderíamos ter conversado, nas mulheres que poderíamos ter possuído. Em outras palavras, a imagem da felicidade está indissolavelmente ligada à essa salvação. O mesmo ocorre com a imagem do passado, que a história transforma em coisa sua. O passado traz consigo um índice misterioso, que o impele à redenção. Pois não somos tocados por um sopro do ar que foi respirado antes?...Se assim é, existe um encontro secreto, marcado entre as gerações precedentes e a nossa” (BENJAMIN, *Sobre o conceito da História*, 1940, tese nº2)

## Capítulo II: Ferenczi e Benjamin

Trouxemos na introdução e no capítulo precedente pontos que consideramos importantes para refletir acerca do termo de pequenas memórias. Procuramos defini-las principalmente dentro da psicanálise tomando como impulso a Carta 52 (1896) da correspondência havida entre Freud e Fliess, e a partir daí colocamos o diferencial que existe quando pensamos em ‘marcas’ e ‘traços’ que são inscritos no aparelho psíquico.

Marcamos que os ‘traços’ fazem parte de nossa memória *strictu senso* e as ‘marcas’, que embora também façam parte de nossa memória, estão inseridas no aparelho psíquico numa localização fora daqueles primeiros. Colocamos vários pontos que diferenciam estas duas formas de inscrição e privilegiamos as ‘marcas’ especialmente pela sua forma e funcionamento, caracterizando-as como pequenas memórias.

Além disso, no intuito de esclarecer a forma e o funcionamento citados, procuramos pensar nossas pequenas memórias recorrendo às pequenas percepções de Leibniz por encontrarmos nele definições que cabem aqui; com isto trouxemos a leitura de José Gil e conceitos levantados por ele, os quais usamos para operacionalizar nossa ‘invenção’.

Porém, o mais importante para nós é a leitura de Ferenczi na sua chamada teoria do trauma. Nela vimos as ‘pequenas memórias’ criarem força em momentos onde o autor coloca seu posicionamento mediante inúmeros fatos clínicos que envolvem a fragmentação psíquica frente a acontecimentos traumáticos. São conceitos de difícil manejo e pensamos que um aprofundamento poderia ser interessante. Ousamos então procurar avançar onde entendemos Ferenczi colocar-se de modo implícito ou pouco desenvolvido.

Nesse momento pensamos em Walter Benjamin como nosso principal intercessor uma vez que traz em sua obra conceitos que permitem um avanço na teoria do trauma ferencziana, a saber, em sua leitura acerca das catástrofes e do despedaçamento que podem deixar. Gostaríamos de lembrar que nossas pequenas memórias incluem em si a categoria do fragmentário, que encontramos em nossos autores. Vamos então prosseguir.

Abordar a obra de Ferenczi não é tarefa fácil devido ao seu caráter ao mesmo tempo denso e fragmentário. Sua produção é instigante e grande parte de sua escrita é apresentada em pequenos capítulos, às vezes até de um único parágrafo, porém nunca deixando de apontar

*pequenos* fatos da clínica psicanalítica que quando melhor observados se mostram extremamente pertinentes.

Isto mesmo: *pequenos* é algo que desde o início privilegiamos, ainda que não colocando apenas critérios de tamanho. Vejamos.

Ferenczi foi amigo e discípulo de Freud tendo pertencido à primeira geração de psicanalistas. Como sabemos, gozou de grande intimidade com este tendo sido por ele chamado de ‘caro amigo’ e até mesmo permitido que participasse de suas férias, que eram bastante protegidas.

A produção teórica ferencziana se inicia logo após seu contato com Freud em 1908 seguindo até sua morte em 1933. Realiza questionamentos importantes e fundamentais na técnica e teoria psicanalítica que impactam por sua ousadia e originalidade, fazendo com que seja alvo de críticas ferrenhas de seus pares por toda sua vida.

Suas contribuições podem ser tomadas basicamente por três vias: a teórica, que se liga à constituição e funcionamento do psiquismo, a técnica, onde privilegia o real dentro da prática clínica, e por fim a de cunho ético-político, onde o alvo é a institucionalização da psicanálise e a formação dos analistas. Não raro encontrarmos as três vias em todos os seus textos.

Apontamos também uma tendência em Ferenczi que podemos tomar como ‘afetiva’; por ter quase sempre como mira a diminuição do sofrimento de quem o procurava e por tratar predominantemente de pacientes considerados ‘graves’, Ferenczi nunca adotou postura de distanciamento ou frieza com quem lhe procurava. Este seu ‘modo de ser’ aparece quando entramos em contato com sua produção teórica ou quando vemos seus apontamentos em seu Diário Clínico. As formas de tratamento que propunha e aplicava normalmente envolviam ‘riscos’ que os colegas não compartilhavam mas dos quais ele nunca fugiu.

Houve entre 1908 e 1933 uma ativa e importante correspondência entre Freud e Ferenczi. São mais de 1200 cartas que entendemos como um documento histórico de primeira ordem por retratarem décadas decisivas da história do movimento psicanalítico além de oferecerem referências surpreendentes acerca do desenvolvimento da teoria e prática da psicanálise, bem como da história dos conflitos no interior do movimento. As cartas retratam partes da vida privada de ambos, a complexidade de sua amizade e o conflito nos últimos anos, até a morte de Ferenczi.

Nos inclinando na carta datada de 15 de setembro de 1931 da referida correspondência, podemos apontar a forma apresentada por Ferenczi à Freud daquilo que seria seu Diário Clínico, obra onde encontramos toda a riqueza ferencziana. Cito:

...Eu estava, e ainda estou, mergulhado num ‘trabalho de clarificação’ interna e externa, e também científico, muito difícil, cujos resultados ainda não deram nada de definitivo até o momento – e não se pode apresentar algo que esta pela metade. O que é de ordem científica continua se organizando em torno da técnica, mas a sua elaboração também faz com que muitas coisas da teoria apareçam sob uma luz algo diferente. Como de costume, não me furto a extrair as consequências, disso indo tão longe quanto possível – frequentemente até um ponto onde eu mesmo me levo ‘ad absurdum’; mas isso não me desencoraja, procuro progredir por outros caminhos, muitas vezes radicalmente opostos, e tenho sempre a esperança de acabar por encontrar um dia o caminho certo. Tudo isso tem um ar bastante místico – rogo-lhe que não se assuste. Na medida que sou capaz de me julgar, não transponho (ou não o faço amiúde) os limites da normalidade. É verdade que me esquivo frequentemente, mas não sou rígido em meus pressupostos. (DIÁRIO CLÍNICO, 1969, pg 14/15)

Ferenczi sempre foi muito crítico, interna e externamente a si. Indignou-se muito com o funcionamento das instituições psicanalíticas principalmente no que dizia respeito à hierarquização e burocratização que sempre houve nestes órgãos. Esta sua postura sempre crítica fez com que fosse tomado como o ‘enfant terrible’ da psicanálise.

Encontramos em seu Diário Clínico, através de suas críticas às técnicas e dispositivo psicanalíticos, um testemunho acerca de sua própria análise com Freud. A relação entre eles, faz parte, como um todo, da análise de Ferenczi, mesclada da amizade havida entre ambos. Mediante a confiar a Freud seus detalhes mais íntimos tanto da vida privada quanto dos sentimentos, este vai reagir ora com interpretações, ora revelando ‘esforços’ para sair dessa situação de análise ‘permanente’, que ficava por vezes insustentável. A transferência entre eles mostra-se intensa e carregada de pontos não desprezíveis de hostilidade, às vezes expressa, outras latente.

Ao lermos o Diário percebemos a batalha travada por Ferenczi no sentido de livrar-se dessa hostilidade e ultrapassar sua transferência à Freud, pincelada de ambivalência e dependência. Vemos que aos poucos Ferenczi revela com clareza seus reclames e críticas, que foram acumuladas no tempo.

Freud aponta em Ferenczi um ‘furor sanandi’, que Ferenczi devolve censurando-o por seu desinteresse pela terapêutica psicanalítica, seu relativo desprezo aos pacientes e repúdio aos psicóticos/perversos, ou seja, por todos os pacientes que se apresentassem por demais

‘anormais’. Ferenczi pensava na rigidez do diapositivo analítico usado e estabelecido por Freud, bem como pelo exagero do mestre no uso da técnica da frustração.

Claro que sabemos que Freud, para poder estabelecer a psicanálise dentro dos rigores científicos exigidos, ‘tinha’ que se furtar de inúmeros afetos; em nome da cientificidade, estabeleceu um ‘crivo’ técnico-teórico rígido. Não discordamos disto, porém o que pretendemos aqui é mostrar resumidamente o posicionamento de Ferenczi dentro do movimento psicanalítico, posicionamento este que é por nós partilhado.

Entendemos que uma das principais críticas de Ferenczi à Freud é o fato de ter ficado ‘pedagogo’ demais. Segundo ele, Freud educava seus pacientes antes de suas análises terem desenvolvido o bastante, uma vez que era intolerante às suas fraquezas; para Ferenczi, Freud se colocava incapaz de independê-lo de seus analisandos. Pensava também que a auto-análise de seu mestre não fora levada suficientemente longe.

Ferenczi tomava a análise como um processo social e entendia que Freud desenvolvera uma técnica por demais impessoal e pedagógica, que levava a uma transferência paternal exclusiva, que apontava para uma superioridade e levava para uma dependência exagerada.

Ele porém, não se priva de críticas dirigidas a si próprio...! Via sua dependência à Freud como um traço infantil e não pensava que isto se devia somente a Freud. No prefácio do *Diário Clínico*, feito por Judith Dupont, temos:

Em sua nota de 15 de julho (1922) trata-se de esquizofrênico delirante, paranóide, emocionalmente vazio, que só funciona por supercompensação de tudo o que lhe falta. Esse diagnóstico parece caricatural, por certo; mas, como toda caricatura, também exprime, sem dúvida, algo da realidade interior de Ferenczi. Seja como for, essa caricatura descreve uma grande capacidade para se distanciar de si mesmo e dá conta de uma notável lucidez e não de um enfraquecimento mental, como Jones queria acreditar e fazer com que acreditassem. (*DIÁRIO CLÍNICO*, 1969, pg25)

Não vemos possibilidade de aproximação à obra de Ferenczi sem que nos afetemos. Seus ensaios, muitas vezes curtos e fragmentados como dissemos, nos levam diretamente a refletir sobre nossa posição de analistas; ele escreve como clinica, abrindo de forma clara para discussão, muitos desconfortos que sentimos neste ofício, nas relações que temos com nossos pares, com as instituições (psicanalíticas ou não) e com nossa própria análise.

Ainda no prefácio do *Diário Clínico* encontramos algo que diz respeito à forma de trabalho de Ferenczi. O *Diário* contém a história de diferentes casos clínicos que Ferenczi narra e extrai muitas conclusões que em sua maioria foram elaboradas em outros textos de sua autoria. Aqui

nos interessa retirar o que Judith Dupont aponta acerca do que Ferenczi pensa sobre nossa posição como analistas.

Ferenczi também sublinha a hipocrisia de certas atitudes profissionais dos analistas, o repúdio por eles dos sentimentos contratransferenciais desconfortáveis ou contrários à sua ética, e considera essas práticas traumas infringidos aos pacientes que vêm reavivar traumas antigos que se presume caber à análise curar. Esta situação foi vivida por Ferenczi não somente desde seu lugar de analista, mas também como analisando e como membro do grupo psicanalítico. (FERENCZI, 1932, pg 19)

Estudioso das questões que envolvem o trauma, Ferenczi sempre pensou que toda atitude que envolvesse hipocrisia poderia reforçar algo que tivesse sido traumático e estivesse em busca de solução ou entendimento. Assim, pensava que o doente que pedia ajuda deveria tê-la e o analista seria responsável por criar maneiras para auxiliar seu paciente.

Um outro trecho de Dupont pode corroborar:

A vítima de trauma, a criança ou o doente mental, devolve ao agressor uma imagem caricatural de si mesmo, exprimindo assim, simultaneamente, seu sofrimento, seu protesto e as verdades que o outro se esforça por eludir. Depois, pouco a pouco, o traumatizado é colhido em seu próprio roteiro, até se ver com todas as saídas fechadas. Só uma intervenção do exterior pode então romper esse enclausuramento. (FERENCZI, 1969, pg 19)

Desta maneira, para Ferenczi não existem casos ‘intratáveis’; existem sim analistas pouco ou nada criativos que não tomam para si a responsabilidade inerente aos processos de tratamento que se mostrem menos fáceis ou corriqueiros. Um pouco mais adiante Judith Dupont comenta o fato de Ferenczi ter se tornado o ‘último recurso’ dos casos clínicos considerados difíceis ou intratáveis.

O fato de tomarmos a obra ferencziana pelo viés do trauma vem do reconhecimento em encontrar num desenvolvimento teórico-clínico questões trazidas para o tratamento de modalidades clínicas onde a psicanálise tradicional encontra impasses, modalidades essas que marcamos se encontrarem *fora* da psicanálise clássica, isto é, fora do regime representacional.

O trauma é por aqui tratado não apenas como aquilo que vemos de ruim, agressivo ou forte; o traumático é pensado dentro do *excesso*, que se dá de modo diferente para cada um e é independente de fatores quantitativos. É também caracterizado principalmente pelo *dementido*, de que falaremos adiante.

Se não nos prendermos apenas às questões da clínica, alargamos sobremodo nossa visão acerca do trauma. Estamos pensando na proposta de Walter Benjamin (1842-1940), filósofo da escola de Frankfurt..

Quando pensamos sobre a escola de Frankfurt em sua relação com psicanálise comumente fazemos analogia entre os conceitos de ‘choque’ em Benjamin e ‘trauma’ em Freud. Esta analogia acontece pois em *Alguns motivos em Baudelaire* (1939) Benjamin refere-se, textualmente, à obra freudiana *Além do princípio do prazer* (1920), ensaio no qual Freud problematizou a questão dos sonhos na neurose traumática.

Estes sonhos, como já abordamos em nossa introdução, foram observado por Freud nos soldados que voltavam da Primeira Guerra. Alguns apresentavam repetidamente sonhos onde aparecia o acidente de que foram vítima ou algo grotesco que viram nos campos de batalha. Freud se inquieta no sentido de notar que, de acordo com o princípio do prazer, estes sonhos ‘escapavam’, não faziam sentido – eles repetiam compulsivamente o acidente que, grosso modo, seria tudo que os sonhadores *não* queriam recordar, isto é, queriam esquecer. Eles geravam desprazer e ‘às avessas’ pareciam buscar o esquecimento.

Colocamos ênfase em nossa introdução no *formato* desses sonhos, que serviram à Freud para discutir as ‘compulsões’, conceito que diferenciamos das ‘compulsões à repetição’; aquelas se referem às *marcas* (que caracterizamos como pequenas memórias) e as últimas aos *traços mnêmicos*.

Benjamin nos traz nesse texto uma reflexão sobre a lírica moderna, que estaria baseada numa modalidade de experiência típica do homem moderno, a *Erlebnis*, em detrimento da *Erfahrung* que seria a experiência ‘genuína’ onde são compartilhadas a memória e as narrativas coletivas. Coloca que, pelo avanço da modernidade houve um declínio na arte de narrar – este avanço traria os ‘choques’, noção que conduz Benjamin a aproximar-se do conceito freudiano de trauma, discutido nos sonhos da neurose traumática. Benjamin reflete, entre outras coisas, o que teria levado Baudelaire tornar-se um poeta; parece-nos trazer que em sua narrativa o poeta faz uma aguda crítica à modernidade, crítica esta que se dá justo com o que Benjamin traz de maior importância para nós - Baudelaire cria sua poesia *com* os fragmentos que enxerga deixados pela entrada traumática da modernidade no mundo. É como se estes ‘pedaços’ fossem resgatados e deles Baudelaire produzisse sua arte. Isto é o que Benjamin aponta.

Gostaríamos de marcar algo no citado texto de Benjamin. Quando ele traz Freud no sentido de que a consciência e o traço de memória não fazem parte do mesmo sistema, traz também o argumento proustiano de que só faria parte de uma memória involuntária o que *não* fez parte de uma vivência consciente do sujeito. Freud na sua Carta 52 (1896) coloca que nossa

memória se dá em diferentes tipos de indicações sendo uma delas designada pela letra ‘W’, *Wahrnehmungen* (percepções). Estas são os neurônios onde se originam as percepções, ligam-se à consciência e nada conservam em si como traço de memória, fazendo com que consciência e memória sejam excludentes. Ele diz:

‘W’ [*Wahrnehmungen* (percepções)] são os neurônios nos quais as percepções se originam, a que se liga a consciência, mas que em si não conservam nenhum traço do que aconteceu. Pois a consciência e a memória se excluem mutuamente. (FREUD, 1896, pg 318)

Benjamin fala em ‘resíduos mnemônicos’ como partes dessa memória involuntária que Proust coloca como intensos e duradouros, e aponta o processo que os impede jamais chegar à consciência. Estes ‘resíduos’ são as marcas das quais falamos na Carta 52 em nosso primeiro capítulo. São pequenas memórias, assim como os fragmentos resgatados pela narrativa baudelairiana o são.

Vamos voltar à Ferenczi. Entre os anos de 1919 e 1926 aproximadamente ele desenvolveu o que chamou de ‘técnica ativa’. Este desenvolvimento veio de sua preocupação com a resistência que notava em certos pacientes, onde o trabalho de análise se estagnava. Prestando atenção aos pequenos gestos e posturas de seus pacientes, propõe inibir alguns atos e estimular outros pensando assim provocar um rompimento no que estava ‘parado’ para o andamento dessas análises.

Ele acreditava que agindo dessa forma estimulava um aumento de tensão pela imposição ‘ativa’ que geraria uma abertura de novos trilhamentos por onde o material recalado poderia escoar, podendo então ser trabalhado. Entendia que havia alguns pacientes que permaneciam comodamente instalados nos meandros do amor transferencial e que isto lhes impedia ou bloqueava a livre associação.

No entanto, foi percebendo que essas injunções impostas pela técnica ativa somente faziam efeito por um tempo limitado e que a antiga ‘comodidade’ retornava. Atento, passa a refletir com maior atenção na posição do analista dentro do processo terapêutico e levanta a ‘audaciosa’ questão de que o analista poderia estar usando do dispositivo clínico para auto-defesa própria deixando assim de focar o sofrimento do analisando.

Aponta com rigor a hipocrisia que poderia haver com o analista, estendendo sua crítica à prática da psicanálise como um todo, ou seja, ao nível da técnica e da institucionalização. Podemos destacar a hipocrisia dentro da teoria do trauma olhando um importante conceito para o autor, a saber, o desmentido.

Para Ferenczi o que caracteriza um trauma *não é* o que acontece efetivamente, mas sim o fato deste acontecimento ter ‘afetado’ a pessoa em questão e de ser *desmentido* por um terceiro hipoteticamente confiável a quem aquele busca ‘entender’ o que lhe aconteceu. Sendo então desmentida, a pessoa em questão fica ‘desacreditada de si’. O desmentido prejudica a própria percepção das coisas, das situações e do si mesmo.

Em 1932 Ferenczi faz uma exposição em Wiesbaden, no XII Congresso Internacional de Psicanálise, intitulada *Confusão de Língua entre os Adultos e a Criança*. Tomaremos este texto para refletir sobre a hipocrisia e o desmentido.

Ferenczi analisa a situação de uma sedução incestuosa entre um adulto e uma criança para nos colocar frente aos conceitos que trouxemos.. Pensa que estas seduções se fazem com a criança tendo fantasias lúdicas com relação ao amor delas para com o adulto; estabelece-se um tipo de ‘jogo’ onde a forma erótica pode aparecer mas o que prevalece é o que chama de *ternura*, em oposição à *paixão* do adulto. Tem-se a criança na *linguagem da ternura* e o adulto na *linguagem da paixão*.

Os adultos, sobretudo se tiverem tendências psicopatológicas ou tiverem o equilíbrio e autodomínio revirados por infortúnios ou drogas, confundem as brincadeiras infantis com os desejos sexuais adultos e deixam-se levar para a prática de atos sexuais livres de pensar em quaisquer consequências disso.

Ferenczi procura entender o que se passa com as crianças após este tipo de ocorrência. Discute longamente sobre o fato de terem sido física e moralmente esmagadas ficando sem defesas pela fragilidade de sua personalidade. O medo esmagador as emudece, podendo até perder a consciência entrando numa espécie de ‘transe’ e elas se obrigam a submissão automática ao agressor, à vontade deste. Identificam-se totalmente com ele, introjetam-no na forma de seu sentimento de culpa e o tornam realidade interna. Então, pelo estado de transe momentâneo, a criança consegue manter-se na sua antiga situação de ternura. Por ela ter se feito dona do sentimento de culpa do agressor, o jogo passa a ser algo que, do seu ponto de vista, é merecedor de punição.

Se a criança se recupera, carrega consigo grande confusão; divide-se entre culpada e inocente e sua autoconfiança é desfeita. Nesse estado é natural que procure um adulto na busca de entendimento; quer ser ouvida, principalmente testemunhada de que houve algo que a

devastou, desorientou e que não entendeu. E o que pode encontrar nessa hora é o *desmentido*, ato que faz com que o trauma se concretize realmente.

Ferenczi aponta que quase sempre o agressor, ou seja lá a quem a criança se dirija na procura de orientação, se comporta com hipocrisia, como se nada tivesse ocorrido; basicamente isto é o *desmentido* que o autor traz como importante categoria dentro da clínica. É a ‘base’ do trauma.

Se o analisando nos chega, traumatizado e em busca de explicações, Ferenczi coloca que se agirmos sem acreditar no seu relato podemos ser tão (ou mais!) hipócritas do que aquilo que o sujeito encontrou em seu passado. Desta forma corroboramos o trauma, reforçamos com essa postura a desorientação e falta de autoconfiança que nos traz quem nos procura. Ferenczi aponta neste texto, para além da hipocrisia do analista, a hipocrisia da própria psicanálise, que pode ser um poderoso instrumento de dominação.

Vimos o modo que Ferenczi toma o trauma com o desmentido e a hipocrisia. Vamos agora nos aproximar de um ensaio do autor que nos ajuda no entendimento que faz das catástrofes.

Em 1924 Ferenczi nos presenteia com sua teoria da evolução *Thalassa, ensaio sobre a teoria da genitalidade*. Nesse texto, extenso e causador de um certo estranhamento, ele elabora uma teoria da genitalidade com base na filogênese. Em 1913 ele escreveu *O desenvolvimento do sentido de realidade e seus estágios*, texto que comentaremos mais adiante, onde desenvolve os processos envolvidos na constituição do ‘eu’ e do sentido de realidade; colocou neste último ensaio os processos de aquisição do sentido de realidade fazendo-nos perceber que ao invés de pensar em instâncias psíquicas, pensa em movimentos e anexações de impressões sensíveis que vão paulatinamente dando ao humano o sentido de pertencer ao mundo. Para nós o que se dão são anexações de pequenas memórias. Em *Thalassa* ele traça um paralelo filogenético e tenta refletir como se dá o sentido erótico de realidade. Propõe que a cada grande transformação catastrófica que houve no desenvolvimento do mundo, as espécies tiveram que adaptar-se para poderem sobreviver e, a cada adaptação nada seria deixado para trás; a sobrevivência adaptada traria em si *vestígios* do que passou. Desta forma tudo muda e tudo se mantém; cada ser carrega em si nessa ‘adaptação’ todo o passado catastrófico pelo que passou, fazendo com que entendamos nossa existência como englobando pedacinhos de toda história da vida.

Inicialmente propõe sua metodologia, a qual chamou de metodologia *utraquista*. Ferenczi, em 1909, declarava-se monista como ato de fé filosófica. Reconhece um princípio único na base dos fenômenos porém é levado a aceitar que a prática científica levava em conta que certos fenômenos seria vistos unicamente numa base ‘física’ enquanto outros numa base unicamente ‘psíquica’. Vê-se que apesar de aceitar o dualismo pragmático, via a vida originar-se de um princípio único, de onde surgiria a diversidade da existência. Em 1909 no ensaio *A respeito das psiconeuroses* vemos:

Entendo, porém, que o monismo é apenas um ato de fé filosófica, um ideal para o qual devemos tender, mas que supera de longe os limites atuais do nosso saber, ao ponto de pouco mais se poder esperar, de momento, além de extrair dele *benefício prático*. Pois do que adianta nos iludirmos? Tal como as coisas se apresentam atualmente, certos fenômenos naturais são analisáveis unicamente numa base física, e outros, unicamente psíquica. (FERENCZI, 1909, pg42 v.I)

Em *Thalassa* (1924), desafiando o ‘como as coisas se apresentam’, Ferenczi propõe como método de investigação científica um diálogo entre a biologia e a psicanálise. É o *utraquismo*, método que estabelece a conjunção de termos e concepções vindas das ciências naturais (especialmente da biologia), com conceitos vindos das ciências da ‘alma’. Considerava que uma abordagem da realidade só seria confiável se feita com a interação das categorias do corpo e da alma, o que nos leva a perceber um posicionamento que visa diminuir o espaço que separa sujeito e objeto, corpo e mente, razão e sentimento, analista e analisando, tão arraigados no pensamento moderno do ocidente.

Ferenczi convenceu-se de que a introdução na psicologia de conceitos vindos da biologia foi fecunda. Estudando os *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905) de Freud, percebe que o mestre ‘tirava partido’ de experiências vindas do domínio psíquico para construir um importante desenvolvimento da biologia, a saber, a sua teoria do desenvolvimento sexual. Pensa então que pode ser fecundo introduzir noções da psicologia na esfera das ciências naturais.

Ferenczi nota que para tratar de noções de seu campo, as ciências naturais se valem de noções do domínio psíquico, tais como ‘forças’, ‘inércia’ ou ‘resistência’ e que Freud coloca os processos tópicos, dinâmicos e econômicos, que são físicos, descrevendo o funcionamento do psiquismo.

Podemos lembrar agora do que trouxemos com José Gil quando reflete acerca dos *fenômenos de limiar*. Eles não se encontram dentro de categorias distintas, não tendo outra forma de

apreensão senão com as pequenas percepções de Leibniz. Gil aponta que os fenômenos que as noções, por exemplo, de ‘força’, ‘corpo’, ‘identificação’, ‘osmose’ ou ‘caos’, relacionam-se a limiares de campos já bem definidos mas ainda não possuem espaço próprio de operatividade. Gil os remete ao movimento das pequenas percepções. Entendemos poder pensar o que Gil nos traz associado ao que Ferenczi diz com seu método utraquista.

E como já vimos, para nós as pequenas memórias se dão com o movimento das pequenas percepções, logo pretendemos ousar neste momento e pensar o que Ferenczi aponta em seu método com o que trouxemos acerca das pequenas memórias. Entendemos então que com a metodologia utraquista ferencziana podemos pensar o movimento das pequenas memórias.

Retomando *Thalassa*, vemos que Ferenczi lança um mito onde destacamos o relativo às catástrofes. Vejamos.

Lembrando que Ferenczi positiva o trauma e a catástrofe no sentido de serem a causa e possibilidade de criação, tomemos a experiência do nascimento para ele e para Freud. O nascimento está localizado dentro do desenvolvimento ferencziano de Thalassa na quarta das cinco catástrofes descritas, a catástrofe da secagem dos oceanos.

Para Freud o que inaugura a história humana é uma ficção. O nascimento para ele é uma experiência de desprazer, que seria nossa primeira ‘notícia’ do mundo. Este desprazer estaria vinculado à privação que experimentamos fora da vida uterina e lançaria a pulsão para fora de nosso corpo e psiquismo em busca de satisfação, de prazer; assim é possível investir nos objetos, uma vez que eles se dão ao apetite pulsional.

Freud pensa nosso psiquismo dividido desde o nascimento, pois a experiência de satisfação se inicia com o desprazer, que para ele é hipotetizado como o primeiro afeto experimentado na vida. Considera que nosso objeto primordial de satisfação está perdido desde sempre, antes de qualquer encontro real com ele. O bebê freudiano pode ser tomado como impotente e desamparado desde os inícios, trazendo o desprazer como a marca que inaugura o mundo e a busca objetual.

Ferenczi toma a experiência do nascimento de modo diferente. É também catastrófico, remetido filogeneticamente à secagem dos oceanos, à passagem do meio úmido e aquecido onde todas as trocas eram realizadas por osmose para o meio seco. Lá, dentro do útero materno, ele lembra que vivemos um ‘nada precisar’, uma totalidade thalássica. Para ele temos aí um registro de memória, ‘real’, inscrito em nosso corpo como uma impressão

sensível que vem da vida intra-uterina onde descreve uma ‘onipotência original’, que seria a impressão ‘real’ de ter tudo o que se quer e de não ter nada a desejar.

Este ‘paraíso’ dentro do útero é para Ferenczi ‘quebrado’ com o nascimento, visto como uma catástrofe e carregado de desprazer; porém, ele não vê o desprazer da experiência do nascimento como nossa primeira marca. Toma como marca primeva nossa memória da vida intra-uterina, uma memória de prazer.

O autor vê a vida se dar enquanto procura desse primeiro prazer que é real, vivido no corpo materno. O nascimento enquanto catástrofe, é positivado no sentido de ser o criador e possibilitador da vida; é *pela* catástrofe que se dá a busca de retornar ao prazer que se teve um dia e essa busca é nosso viver. Entendemos essa memória primeva como uma pequena memória.

Para Ferenczi não é possível separar corpo, mente e meio ambiente; são entidades que sempre são pensadas em conjunto. Quando nascemos não temos como sair sozinhos do desprazer ao qual somos lançados; dependemos daquilo que vem de fora, de outro ser humano. O estado de desprazer instaurado desde o nascimento ‘empurra’ nosso psiquismo a buscar fora de nós algo que o supere e o corpo, com suas necessidades vitais, parte para essa busca.

Entendemos com Ferenczi que o sentido da realidade é algo construído; ele pensa que o construímos por catástrofes, que seriam as perdas de organizações que tivemos e que nos levam à necessidade de construir outras, novas. São perdas e ganhos que aos poucos vão ‘constituindo’ o eu e o mundo.

Walter Benjamin também coloca a possibilidade da construção ‘do mundo’ nesse balanço entre perdas e ganhos. E ainda, tal como Ferenczi propõe em sua clínica, Benjamin vai privilegiar aquilo que podemos tomar como fragmentário. Vejamos.

Procuraremos com dois textos de Benjamin, *Experiência e pobreza*, escrito em 1933 e *O narrador*, escrito entre 1928 e 1935, levantar alguns pontos que corroborem nosso pensamento.

Sabemos que a temática do declínio da arte de narrar é central em Benjamin envolvendo várias de suas reflexões. Este tema é comumente retomado na literatura moderna e contemporânea, na filosofia atual e nos estudos da história.

Nos referidos textos Benjamin apresenta uma tipologia dos vários tipos de memória e narração. Ele parte da constatação de que após a Primeira Guerra (e a Segunda só aprofundaria o processo) os soldados que retornavam das trincheiras muitas vezes não conseguiam recordar ou contar suas experiências. Em *Experiência e pobreza* (1933) ele diz:

Não, está claro que as ações da experiência estão em baixa, e isso numa geração que entre 1914 e 1918 viveu uma das mais terríveis experiências da história. talvez isso não seja tão estranho como parece. Na época, já se podia notar que os combatentes tinham voltado silenciosos dos campos de batalha. Mais pobres em experiências comunicáveis, e não mais ricos. (BENJAMIN, 1933, pg115 v.I)

Na mesma época Freud se depara com o fenômeno dos sonhos traumáticos, isto é, sonhos que eram produzidos repetindo sem parar o trauma pelo qual os portadores das chamadas neuroses traumáticas haviam passado. O desprazer que esta repetição involuntária trazia inquietou Freud por caminhar no sentido oposto ao princípio do prazer.

Benjamin observa o mesmo fato por um outro viés – os soldados regressavam ‘pobres de experiências’ comunicáveis. Isto pode ser pensado pelo viés das narrativas, isto é, pode caminhar para uma reflexão acerca de que tipos de narrativas pode haver com os ‘restos e cacos’ deixados pela destruição traumática trazida pela guerra. Benjamin coloca que nunca houve experiências mais desmoralizantes que aquelas da guerra de trincheiras, da economia inflacionada, do corpo faminto e da imoralidade dos governantes. Se estabelece segundo ele uma nova forma de miséria, uma ‘barbárie’, vinda do desenvolvimento da técnica trazida pela era moderna.

Benjamin coloca a figura do ‘novo bárbaro’, fruto do que pensa como produto deste desenvolvimento da modernidade. Este sujeito estaria incumbido de uma missão, que para Benjamin tem a coloração de uma ‘salvação’ do mundo. Este personagem pode ser comparado com o historiador materialista que Benjamin também traz e do qual já falaremos. Ainda no texto de 1933 Benjamin diz:

Pois qual o valor de todo o nosso patrimônio cultural, se a experiência não mais o vincula a nós? A horrível mixórdia de estilos e concepções do mundo do século passado mostrou-nos com tanta clareza aonde esses valores culturais podem nos conduzir, quando a experiência nos é subtraída, hipócrita e sorrateiramente, que é hoje em dia uma prova de honradez confessar nossa pobreza. Sim, é preferível confessar que essa pobreza de experiência não é mais privada, mas detoda a humanidade. Surge assim uma nova barbárie. (BENJAMIN, 1933, pg 115, v.I)

O ‘novo bárbaro’ vem introduzir uma conceito positivo e novo de barbárie; o que ela carrega de novo é uma pobreza de experiências partilhadas, da *Erfahrung* que dissemos

anteriormente. Vem sim com algo que impele a prosseguir ‘com pouco’, construir com pouco, sem olhar para os lados, ir em frente. Esse ‘novo bárbaro’ é por Benjamin comparado a grandes personagens que partiram também do quase nada para suas criações; Descartes sai de uma única certeza, o ‘penso, logo existo’, Einstein perde o interesse pelo *gigantesco* universo da física para notar uma *pequenina* discrepância que viu acontecer entre as equações de Newton e as observações astronômicas.

Benjamin cita outros exemplos de grandes personagens e cientistas que partiram do nada ou do quase nada em suas criações; Klee, e Brecht são exemplos. Todos estes ‘novos bárbaros’ produzem grandes coisas com migalhas e fragmentos daquilo que restou de catástrofes ou pela atenção que colocam nas pequenas coisas do mundo. E a nós é isto que vale pontuar, isto é, esta nova forma de narrar que brota dos fragmentos deixados por catástrofes. O ‘novo bárbaro’ tem esta tarefa, que pode ser pensada como o trabalho de um catador de lixo, de um sucateiro.

O ‘catador’ vai pegando e juntando os fragmentos que encontra deixados pela catástrofe e com eles *cria*, avança no sentido da criatividade e de um tipo de resgate daquilo que foi ‘quebrado’; faz com esses pequenos pedaços novas histórias e também as histórias ‘do que poderia ter sido’ daquilo que arrebentou. Este pensamento, que percebemos aparecer em Benjamin em diversos ensaios, faz parte de uma vertente da mística judaica vinda de Isaac Luria a qual comentaremos brevemente, só no intuito de entender o cerne do pensamento benjaminiano que percebemos. Benjamin parece fazer parte de um entrelaçamento entre romantismo e messianismo. Vejamos então brevemente estes pontos sobre nosso intercessor para depois retomarmos Ferenczi. Tratam basicamente do romantismo e do messianismo e da mística luriana.

Baseamos nossa busca acerca desses pontos em duas obras: *Judeus Heterodoxos* (2012) de Michael Löwy (1938- ) e *As grandes correntes da mística judaica* (2008) de Gershom Scholem (1897-1982). Em *Redenção e utopia* (1989), outra obra de Löwy, é trabalhado o judaísmo libertário na Europa Central no século XIX onde Benjamin é apontado como o melhor exemplo desse judaísmo na passagem do século XIX para o XX.

O conceito ferencziano de ‘autoplastia’ pode ajudar a entender como vemos a aproximação de Ferenczi ao grupo do judaísmo libertário que falamos. Vejamos brevemente.

A autoplastia de Ferenczi combina concomitantemente dois movimentos: um para frente e um para trás. Podemos encontrar em *Thalassa* (1909) o fato de que a cada conquista feita pelo homem se repetem catástrofes já vividas; mas vemos também que nas conquistas há a tentativa de retorno à situação que precede o trauma, não se tratando de um retorno ao inorgânico, mas de um retorno à vida sem o terror ou a angústia trazidos pelo trauma. O movimento da criação envolve a repetição compulsiva das catástrofes e, ao mesmo tempo, um retorno à *Thalassa*, paraíso da quietude e do descanso.

Percebemos uma incompatibilidade dessa temporalidade paradoxal com qualquer concepção unidirecional de desenvolvimento em Ferenczi. Nele encontramos um projetar-se para o futuro que é ao mesmo tempo um regressar, de modo que até mesmo os termos ‘regressão’ e ‘progressão’ se desconstroem continuamente em sua obra.

É possível perceber, nessa reação à catástrofe que é uma promessa de redenção, a mescla de restauração e utopia vista no messianismo romântico. Em *Redenção e utopia* (1989) Löwy diz:

O messianismo judaico contém duas tendências ao mesmo tempo intimamente ligadas e contraditórias: uma corrente restauradora, voltada para o restabelecimento de um estado ideal do passado (...) uma harmonia edênica quebrada, e uma corrente utópica, aspirando a um futuro radicalmente novo (...) A idéia messiânica não se cristaliza senão a partir de sua combinação. (LÖWY, 2012, pg20)

Gostaríamos de marcar que, não somente pelo privilégio dado à catástrofe, ideia arraigada à cultura judaica, mas também por sua posição política no interior da psicanálise e fora dela, Ferenczi integraria facilmente o grupo que Löwy aponta como os protagonistas do judaísmo libertário na Europa Central no início do século XX. Sob esse aspecto, seu solo é muito próximo ao de Walter Benjamin, nosso principal intercessor neste trabalho.

Nos atendo com maior rigor a Löwy, vemos que estudando a cultura judaica da Europa Central, propõe-se falar de duas categorias políticas: os intelectuais *Aufklärer* e os românticos. O primeiro grupo é dos partidários da modernidade ocidental e do racionalismo e fazem parte dele, entre outros, H.Cohen, E.Bernstein e P.Singer. O segundo grupo é dos românticos, que partilham de uma visão crítica da civilização industrial capitalista, responsável pelo ‘desencantamento do mundo’. Estes têm uma certa nostalgia de aspectos do passado pré-moderno podendo ser conservadores ou revolucionários, estetas ou utopistas. Todos se voltam para suas raízes judaicas mantendo interesse pelos aspectos românticos do

judaísmo, pelo profetismo, messianismo e cabala. Walter Benjamin faz parte desse último grupo, junto com M.Buber, G.Landauer, Ernst Block, Erick Fromm e outros.

Podemos considerar Benjamin como um romântico, utópico e revolucionário. Para ele *retornar* ao passado não é o objetivo, mas sim *desviar* pelo passado rumo a um futuro parece ser a aposta. Dirige sua crítica contra a ideologia progressista em nome da revolução.

Porém para Benjamin a concepção de revolução não é aquela que a toma como resultado ‘natural’ do progresso técnico-econômico, mas sim é a interrupção da evolução histórica conduzindo à catástrofe; assim, ‘freando’ o progresso pela revolução chega-se à catástrofe e dela se abrem as saídas.

Isaac Luria (1534-1572), um dos maiores cabalistas que já existiu, elaborou um sistema místico partilhado por toda comunidade judaica. Este sistema, que Scholem aborda com detalhes e apresenta a Benjamin, nos ajuda a entender o modo que este último toma os fragmentos vindos de uma catástrofe, que para nós tem muita semelhança à positivação dos eventos traumáticos que Ferenczi nos traz na clínica.

Luria tem uma teoria, a *Tzimtzum*, a qual diz que a existência do universo foi possível por um processo de ‘contração’ em Deus. O primeiro ato de *Ein-Sof* (o Deus da cabala) seria um passo para dentro, uma retirada para dentro de si; o segundo ato seria o da emissão por este Deus de um raio de sua luz; a cada novo ato de emanação se precede um de retração de modo que o processo cósmico é duplo – a luz que reflui a Deus e a que flui dele.

Paralelamente a esta cosmogonia Luria exprime duas ideias que são tão importantes quanto a doutrina do *Tzimtzum* como um todo. São a doutrina do *Schevirat*, ou ruptura dos vasos, e a do *Tikum*, que significa arranjo ou reparação de um defeito. Vejamos.

Na ruptura dos vasos temos o seguinte: o homem primevo, que seria o primeiro ser emanado da luz Divina, é a primeira manifestação após o *Tzimtzum*. De seus olhos, boca, ouvidos e nariz jorram as luzes das *Sefirot*, que podemos entender como esferas de emanação da luz de Deus. Esta luz emanaria atomizada e gerando um mundo de luzes puntiformes, confuso e desordenado.

Do momento que Deus predetermina que os seres tenham formas finitas, é necessário que essas luzes isoladas fossem capturadas e recolhidas em ‘recipientes’ – os vasos – para que fosse possível sua ordenação. Alguns desses ‘vasos’ se quebram e despedaçam pois a luz

capturada por eles foi emanada a um só golpe e gerou um impacto tal que provocou uma quebra. Esta quebra espalha centelhas da luz Divina pelo cosmo.

Luria toma como propósito original da criação e também da existência, a reintegração, a restituição do conjunto original, que viria a ser a salvação. Esta se daria com uma espécie de recolhimento dessas centelhas de luz Divina espalhadas na quebra dos vasos. Isto é o *Tikum*, que são para Luria o cerne da sua teoria e prática.

O judeu, mantendo contato com a luz Divina pela Torá, pode acelerar ou retardar o processo de restituição dessas luzes, centelhas espalhadas e exiladas, tal como o é o povo judeu. A prática religiosa delega ao homem parte da restituição destas luzes, responsabilizando-o portanto pela salvação, que não viria apenas pela oração, mas por atos do homem.

Luria coloca que a tarefa do homem seria dirigir seus propósitos no sentido da restauração das origens onde a ação humana passa pela restituição da unidade Divina que foi rompida pela ‘ruptura dos vasos’.

Pensamos que nossa aproximação à esta vertente da mística judaica ajuda a entender vários pontos em Benjamin no que diz respeito ao positivar os eventos traumáticos. O que Luria traz acerca das possibilidades de restituição das centelhas de luz vinda do estilhaçamento dos vasos, para nós tem muita semelhança com o que Ferenczi propõe quando fala do trauma. Mais adiante veremos a comoção psíquica, onde esses elementos surgidos de um evento traumático se revelam como pequenas ‘jóias’ que levam a possibilidades de reconstituição daquilo que se pulverizou psiquicamente pelo trauma.

Retomando Ferenczi, falávamos como vê a constituição da realidade e do mundo. Com seu conceito de anímixia podemos entender melhor como vai se dando a construção do mundo para ele.

Esse conceito é um instrumento que Ferenczi usa para mostrar que o sentido erótico de realidade é criado pela união entre as formas que o corpo tem de encontrar prazer e sua captura pelo psiquismo. Essas *formas* são pequenos modos de satisfação que são auto-eróticos e nunca deixam de estar presentes, embora possam não ser percebidos por nós. Não podemos deixar de pensar neste processo como algo que lembra a captura das centelhas de luz que falamos da mística luriana, a qual Benjamin se reporta.

Auto-erotismo foi um termo introduzido por Havelock Ellis designando fenômenos afetivos espontâneos que se dão sem estímulos externos. Freud retoma este termo em 1905 nos *Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade* para definir a sexualidade infantil. Esta noção implica uma relação do humano com os objetos onde as pulsões se satisfazem cada uma por sua conta, sem que haja qualquer organização de conjunto.

Assim, pensar em auto-erotismo é pensar em parcialidades, dispersões, energias circulantes sem direcionamento ou referência ao todo. No desenvolvimento psicosexual da psicanálise o auto-erotismo antecede o narcisismo, momento este onde uma ‘nova ação psíquica’ (uma *introjeção*) se dá unificando a parcialidade das pulsões na direção de nossa unidade egóica, de nosso ‘eu’. Ferenczi realiza sua produção privilegiando a modalidade auto-erótica, e portanto as pulsões parciais; não se refere a ‘sistemas’ psíquicos mas sim aos movimentos e processos, às destruições e construções que se dão no psiquismo como um todo. Daí nos referirmos sempre ao *sensível* para pensarmos a subjetividade e a memória.

Voltando à anímixia, vemos que Ferenczi, ao trabalhar com as questões relativas aos processos de constituição do eu e do mundo, privilegia esses pequenos modos de satisfação auto-erótica. Escreveu sobre os tiques, sintomas transitórios, crises de pânico e outras modalidades clínicas onde os fenômenos que emergem são da ordem de pequenas descargas de excitação, que aponta serem importantes, inclusive ao ‘aparecerem’ durante as sessões de análise. A anímixia vai expressar o modo como Ferenczi via as coisas, uma mistura do psíquico com o somático na construção de nossa história.

Logo, aquilo que percebemos, nos ‘entra’ pelo corpo na modalidade de impressão sensível, pequenas *marcas* que vão se ligando de acordo com as diferenças temporais, semelhanças, sons e cheiros, sempre em pequenas doses. Quando a ‘dose’ excede a possibilidade de captura, entendemos que se aloja num espaço que descrevemos anteriormente, fora da esfera das representações, como um signo perceptivo, que, tal como descrevemos, tem uma certa modalidade de ‘aparecimento’. Estas marcas são pequenas memórias. Não podemos ousar neste momento e nos reportar a ‘ruptura dos vasos’ que trouxemos anteriormente?

Vamos ao texto de Ferenczi de 1913, *O desenvolvimento do sentido de realidade e seus estágios* para melhor entendermos. Vemos nesse ensaio uma ‘composição’ dessas marcas, pequenas memórias.

Para Ferenczi, como vimos, o sentido de realidade é tomado como algo que construímos. Logo no início do referido ensaio, aponta a necessidade de refletirmos sobre um hiato perguntando como se daria a passagem do estado de prazer para o estado de realidade, isto é, como a realidade se faz presente nos inícios.

Toma a argumentação freudiana acerca da neurose obsessiva de onde nota que estes pacientes não se desfazem de sua crença de *onipotência* de pensamentos e sentimentos e aponta essa neurose como um retorno da vida psíquica a uma etapa infantil que tem como principal característica o fato da inibição, adiamento e pensamento não terem ainda se colocado entre o desejo e a ação. Desta forma, o desejo é imediatamente seguido do gesto para realiza-lo, evitando fontes de desprazer.

Nessa neurose uma parte da vida psíquica permaneceu nessa etapa infantil. Ferenczi elabora então aquilo que já apontamos, isto é, que não é uma ficção essa organização escrava do prazer e que despreza o mundo externo; ela *realmente* existiu e é o período de vida intra-uterina onde já há um registro de memória. Entendemos, para colocar nosso conceito, que este registro é uma pequena memória que pode ser ‘carregada’, aparecendo num período posterior.

Assim, a megalomania infantil não é pura ilusão; tal como o obsessivo, a criança não quer da realidade nada mais do que já teve um dia, os ‘bons tempos’ onde foram onipotentes. A estes ‘bons tempos’ Ferenczi chama *período de onipotência incondicional*.

Refletindo sobre o recém-nascido, o autor diz que se procurarmos nos identificar com ele podemos admitir que o choro aflito e a agitação que demonstra são uma reação à ‘perturbação’ de ter nascido e que nos apoiando nas reflexões freudianas podemos supor que a primeira consequência dessa ‘perturbação’ foi reinvestir alucinatoriamente no estado de satisfação que foi perdido com a catástrofe do nascimento – queremos retornar àquela existência dentro da mãe (Thalassa). E pensando do ponto de vista da criança, o que era onipotência incondicional somente modifica pelo investimento alucinatório – é o *período de onipotência alucinatória mágica*, onde a criança se vê dona de uma força mágica capaz de realizar seus desejos somente representando sua satisfação.

Segue-se a este período o período da *onipotência com a ajuda dos gestos mágicos*, onde a criança, a medida que se seus desejos tornam-se mais complexos, aprende a executar ‘sinais’ demonstrando o que quer, uma vez que alucinar não basta mais. Ferenczi mostra que um

equivalente deste período se dá conversão histórica, onde as crises representam em gestos a realização de desejos recalcados. Para nós são também expressões de pequenas memórias.

Nesse último período a criança ainda não diferencia o objeto (mundo externo) de si própria. Para que isto aconteça, algo desejado vai se mostrar resistente aos poderes onipotentes e se inicia então o que Ferenczi chama *período de projeção*. Os estágios de onipotência, onde a criança ainda não separa sentimentos de impressões sensórias, Ferenczi denomina de *fases de introjeção*.

Neste momento, onde o eu onipotente entra em contato com o quê se nega a ele, é obrigado a ‘inventar’ o mundo com aquilo que introjetou; e o faz projetando. Coloca nos objetos do mundo qualidades que tinha em si. Entendemos que ao pensar a construção da realidade e do eu, este momento é fundamental pois aquilo que era tocado de modo *autoplástico*, isto é, de ‘si para si’, passa a poder sofrer modificações *aloplásticas*, ou seja, fora do eu, no mundo.

Assim, de introjeções e projeções, vão se construindo o eu e o mundo – o que o eu não vê como seu, projeta no mundo com um pedacinho de si e aquilo que lhe é ‘bom’, introjeta com um pedacinho do mundo. São movimentos que entendemos como que ‘transportadores’ de energias e pensamos que são sutis, sensíveis. Envolvem o que trouxemos como pequenas percepções e se constituem como pequenas memórias. Dão-se por toda a vida, pedacinho por pedacinho.

Gostaríamos de trazer para nossa reflexão algo que não se refere a Ferenczi, mas a Freud, que foi seu mestre. Trata-se do que podemos entender como um ‘modelo de construção’ que vimos acontecer tanto na historiografia benjaminiana quanto na psicanálise. Este modelo privilegia o *detalhe*, o *ínfimo*.

O historiador Carlo Ginzburg (1939- ) escreveu em 1989 *Mitos, Emblemas, Sinais. Morfologia e História*. Gostaria de comentar o capítulo *Sinais – raízes de um paradigma indiciário* onde ele traça um paralelo entre o detetive, o historiador e o psicanalista privilegiando os *detalhes*. Vamos nos aproximar deste conceito.

Ginzburg cita Freud que, por sua vez, cita Giovanni Morelli, historiador de arte e médico italiano. O ensaio freudiano ao qual Ginzburg se refere é *O Moisés de Michelangelo* (1914), que no segundo capítulo cita Morelli.

A partir do texto de Freud chegamos ao ‘método morelliano’, que é lembrado por Ginzburg. Segundo Morelli, o método usado para a atribuição de quadros antigos deveria não se embasar nas características mais vistosas ou mais facilmente imitáveis, mas sim seria necessário examinar os *pormenores mais negligenciáveis* e menos influenciados pelas características da escola a que pertencia o artista. Seriam privilegiados aos olhos de Morelli *pequenos detalhes* tais como os lóbulos das orelhas, as unhas, o formato dos dedos. Observando estes detalhes Morelli descobriu e catalogou, por exemplo, a forma de orelhas própria de Boticelli. Os livros de Morelli despertaram interesse em E. Wind (1900-1971), historiador de arte e membro da escola de História da Arte de Walburg.

Wind viu nos trabalhos de Morelli um exemplo da atitude moderna em relação a obra de arte, atitude que leva a apreciar os *pormenores*, de preferência à obra em sua totalidade. Wind coloca que os livros de Morelli são salpicados de dedos, orelhas e outros registros de minúcias características que traem a presença de determinado artista, tal como o criminoso é traído por suas impressões digitais; um museu estudado por Morelli pareceria um ‘museu criminal’.

Como aponta Ginzburg, o conhecedor da obra de arte é comparável ao detetive que descobre o autor do crime baseado em indícios imperceptíveis à maioria das pessoas. Pensamos que podemos ousar em colocar neste universo do pequenino detalhe que carrega a totalidade, nossas pequenas memórias.

Ginzburg nos lembra que Freud traz com Morelli o fato notável que podemos extrair quando nos apropriamos dos *detritos e refugos* da fala; lá, em meio aos restos e fragmentos, encontramos preciosidades, às vezes intactas, que lançam luz à uma história narrada num trabalho de análise. O psicanalista trabalharia como o ‘novo bárbaro’ que falamos anteriormente; e desta forma, atentos aos pequenos detalhes, trabalha também o detetive e o historiador de arte – para o detetive, são as melhores pistas, para o historiador é o que traz as revelações e para o psicanalista podem surgir verdadeiras ‘jóias’ que possibilitem a criação de novas possibilidades. Entendemos que estamos frente à pequenas memórias, razão pela qual trouxemos esta breve reflexão.

Encontramos em Freud pontos que podem ser lembrados quando pensamos no trabalho do psicanalista. Trata-se do texto *Construções em análise* (1937) onde podemos ver referências ao nosso tema.

Freud discute no texto o trabalho de uma psicanálise tanto no que cabe ao analista quanto ao que cabe ao analisando. Referindo-se a este último, fala que deve ser induzido a recordar algo que foi experimentado e recalçado, esquecido; quanto ao analista, caberia a ele completar este esquecido a partir dos traços que o indivíduo deixou atrás de si, *construí-lo*, diz Freud. É importante frisar que Freud coloca *traços*.

Como já trouxemos, Freud trabalha aqui com a psicanálise clássica, aquela baseada na tradução do material recalçado (inscrito nos traços de memória) pela via da representação. Porém, sabemos que este trabalho de construção também é realizado quando se trata daquilo que definimos anteriormente como *marca*, que não tem sua inscrição na memória inconsciente strictu sensu, fazendo-se presente como já descrevemos.

Esta construção Freud compara ao trabalho de escavação de um arqueólogo numa morada ou edifício que foi destruído e soterrado. Coloca que da mesma maneira que o arqueólogo põe paredes em pé a partir dos restos encontrados nas ruínas, o psicanalista recompõe a história de seu analisando pelas inferências que realiza a partir dos fragmentos de lembranças; combinar e suplementar esses fragmentos produtos de uma destruição é construir algo novo que carrega em si tudo que havia no passado, anterior à fragmentação. Ferenczi traz em sua obra a positivação da destruição colocando-a como motor da criação.

Vamos agora trazer da produção de Ferenczi algo que entendemos importante para a compreensão da possibilidade de haver a criação *pela* destruição. Trata-se do conceito de clivagem narcísica, que nos parece fundamental na reflexão sobre a criação a partir dos fragmentos originados de uma catástrofe. Marcamos que, diferente de Freud, Ferenczi privilegiou em seu trabalho aquilo que se refere às *marcas*, como já dissemos, formas de inscrição no psíquico que diferem dos *traços*, que apontamos em Freud quando este se remete ao processo do recalçamento e à psicanálise clássica.

Em Ferenczi o conceito de clivagem tem a ver com o de trauma, de desmentido e de hipocrisia. Grosso modo podemos entender o que o autor toma como clivagem como uma quebra, um esfacelamento do ‘eu’ por ocasião de um trauma. Mais acima tomamos o texto de 1932, *Confusão de Língua entre os Adultos e a Criança* para falarmos do desmentido e da hipocrisia; retomaremos este ensaio para agora falar da clivagem.

Tomando a sexualidade infantil como guiada pela ‘linguagem da ternura’, Ferenczi aponta que o adulto esta inserido num outro código, a ‘linguagem da paixão’. No registro da ternura,

o prazer é lúdico e não sabe, não tem alcance, da organização adulta. Dominado pela paixão, um adulto pode se deixar levar por seus desejos impondo-se à criança que, não dando conta da erotização do adulto, fica marcada por uma experiência violenta. É isto que Ferenczi vai caracterizar como uma ‘confusão de línguas’, isto é, algo traumático na medida em que o adulto atua a partir de seu código realizando então uma imposição de sua sexualidade genital sobre a sexualidade pré-genital da criança.

Ferenczi estende o entendimento desta confusão de línguas traumática também ao amor e aos castigos exagerados que são infligidos à criança; é como se o adulto atuando deste modo usasse a criança como capaz de suportar sua erotividade não considerando seus desejos infantis.

Esta ‘invasão’ não encontra lugar no psiquismo infantil; são as *marcas* que descrevemos num capítulo anterior. Colocam-se fora do inconsciente recalcado e portanto fora das possibilidades de elaboração no sentido do costumeiro par lembrança/esquecimento. Elas permanecem como ‘almas penadas’ na busca repetitiva de um entendimento.

Ferenczi entende essas marcas como porções de energia ‘desligada’ das representações inconscientes, aparecendo nos hábitos e traços de caráter dos sujeitos na modalidade de repetições. No entanto, podem também aparecer na análise.

Em *Análise de Crianças com Adultos* (1931) Ferenczi desenvolve, entre outras coisas, o recurso técnico da ‘análise pelo jogo’ que consiste num prolongamento de sua técnica de relaxamento. Nesta última, o paciente é encorajado a um relaxamento profundo e, neste estado, as falas e livres-associações se revelam ‘infantis’ e ingênuas. Ele nota que frequentemente misturam-se aos conteúdos que surgem ‘ligeiros movimentos de expressão’, até ‘sintomas passageiros’, os quais submetia também à análise; nota que pode emergir neste estado o fato do paciente ter dificuldades de trazer as associações e propõe então um ‘meio’ para que elas venham. É um ‘jogo’ de perguntas e respostas ao qual se deixa levar, análogo aos processos que são descritos pelos analistas de crianças.

Ferenczi traz que estes jogos trazem realidades da infância que podem remontar à relação mãe-criança onde, segundo acredita, os elementos de malevolência explícita são na grande maioria consequência de uma relação ambiental para com a criança desprovida de ‘tato’. Para Ferenczi, poder trazer à análise esta situação e junto com ela propiciar uma forma (tato) onde se livre o paciente de uma hipocrisia do passado, ‘protege’ o sujeito da repetição e promove

uma *reprodução* deste passado desagradável, lá onde acredita ter havido a situação que, justo pelo desmentido que a hipocrisia carrega, causou o trauma e com este o que aponta como ‘clivagem’.

Em *Reflexões sobre o Trauma*, texto do 4º volume das Obras Completas de Ferenczi, temos reunidos artigos redigidos entre 1920 e 1932 que tratam do traumatismo. No primeiro destes artigos, *Da Psicologia da Comoção Psíquica*, o autor descreve o ‘choque’, que entendemos ser a própria expressão da clivagem. No choque, há uma equivalência da aniquilação do sentimento de si, como se fossem perdidas a capacidade de resistência, ação e pensamento dirigidas à defesa própria. Neste estado pode ocorrer que órgãos abandonem ou reduzam suas funções ao máximo – o autor traz o vocábulo *Erschütterung* (comoção psíquica) como derivado de *Schutt*, restos, destroços. Seria um desabamento que engloba a perda da forma própria a aceitação sem resistir de formas outorgadas.

Este estado de coisas seria propiciador de uma ‘divisão’ (clivagem) do eu onde partes ainda saudáveis se colocariam no papel de mãe ou pai cuidador daquelas partes que foram esmagadas. É a isto que Ferenczi procura chegar com o ‘tato’ na análise, isto é, retomar a situação traumática porém de modo a não repetir o que teria desmentido o traumatizado, que por isso mesmo se clivou.

Voltando á *Análise de Crianças com Adultos* (1931), tendo provocado pelo tato uma situação onde o jogo de perguntas e respostas acontece, Ferenczi nota que partes do corpo, como dedos, mãos, pés, cabeça, nariz ou olhos podem representar a pessoa como um todo na cena traumática de outrora, na busca de um testemunho que traga a verdade, não o desmentido. Este processo de ‘divisão de si’ Ferenczi chamou de ‘autoclivagem narcísica’.

Ferenczi aponta o impressionante número de ‘percepções auto-simbólicas de si’ que podem emergir deste estado, nas fantasias dos analisandos ou nas das crianças. Relata a pequena história de um animal perigoso que tenta destruir uma medusa mas não consegue pois ela se desvia dos golpes por sua maleabilidade retornando á sua antiga forma. Interpreta essa história de duas formas: como exprimindo a resistência passiva do paciente, oposta às agressões do mundo, e também como mostrando a clivagem da pessoa numa parte ‘sensível’ que foi destruída e noutra que pode nesse momento ‘tudo saber e nada sentir’. E o autor nos fala das possibilidades de processos de ‘clivagem e ressoldadura’, ou seja, de possibilidades de haver o recolhimento desses ‘cacos’ vindos da clivagem (catástrofe) no sentido de promover a continuidade do existir.

Para nós estes ‘pedaços do si’ são pequenas memórias e carregam consigo toda história do indivíduo; entendemos, com Ferenczi, as chances de re-criação de si *por* estes pedaços, isto é, *pela catástrofe* da qual eles são fruto. Eles são a ‘energia desligada’ citada anteriormente, as *marcas*.

Gostaríamos de marcar ainda algo que entendemos importante: é o fato de que pelo recolhimento de cacos advindos de uma catástrofe existe a possibilidade de haver a criação. Isto, como mostramos, pode ser visto em toda obra de Benjamin. Entendemos que ele, tal como Ferenczi, traz a criação *por e apesar* da catástrofe, englobando todos os restos que ela possa ter deixado.

Benjamin pode ainda trazer contribuições importantes para a teoria do trauma de Ferenczi. Vamos falar agora de algo que retoma o que trouxemos com Leibniz e José Gil – trata-se do conceito de limiar.

Ao abordarmos este conceito, falamos de certos fenômenos cuja definição era imprecisa, que estariam num espaço ‘entre’, nem de um lado nem de outro de conceitos bem definidos. Estes fenômenos foram tematizados por Gil como ‘fenômenos de limiar’. Procuraremos trazer em Benjamin pontos que tem a ver com estes fenômenos e apontaremos onde o autor pode fazer avançar a teoria do trauma de Ferenczi, que trabalha neste campo. Estamos nos referindo ao auto-erotismo, fase do desenvolvimento psicosssexual postulada pela psicanálise, a qual Ferenczi privilegia em seus trabalhos. Lembramos que nossas pequenas memórias, como já colocamos, revelam *forma e funcionamento* semelhante ao que vemos nesta fase.

Esta fase, como já trouxemos, descreve uma organização da energia pulsional onde impera o caos e a dispersão. É como um amontoado de fluxos, intensidades e forças sem que estejam vetorizados para nada; são somente possibilidades, sem direção ou sentido. Seguida a essa organização temos o narcisismo, onde podemos apontar um contorno, nosso ego, delineado pela introjeção. Sabemos que as fases do desenvolvimento psicosssexual que a psicanálise ensina nunca deixam de existir; acontecendo sucessivamente até a fase genital, que engloba todas as que lhe antecederam.

No livro inacabado das *Passagens* Benjamin nos traz no fragmento M\*26 o conceito de limiar. Diferencia-o de ‘fronteira’, esta sendo como algo que delinea, contorna. À nós parece que o *limiar* se refere ao auto-erotismo e a *fronteira* ao narcisismo.

O limiar é uma zona, uma zona de transição, implicando em mudanças e fluxos, tal como trouxemos no auto-erotismo. No caso de uma fronteira, temos o desenho de um traço em torno de algo para dar uma forma definida e evitar que derrame pelas bordas, definindo limitações e domínio. O conceito de fronteira nos remete a contextos jurídicos de delimitação territorial cuja transposição sem acordo prévio ou regras significaria uma transgressão.

No limiar temos um registro mais amplo, que envolve movimento, ultrapassagem, ‘passagens’, transições. O limiar não faz simplesmente separar territórios, mas permite a transição entre eles; assim, quando usamos o referencial da arquitetura por exemplo, o limiar vai preencher justo a função de transição: permite ao passante o trânsito sem maiores dificuldades, de um lugar para outro, diferente e às vezes oposto. Podemos exemplificar com uma rampa, a soleira de uma porta, um vestíbulo ou a sala de espera de um consultório. Vemos que limiar é mais *ponte* que fronteira.

Benjamin escreve sobre limiar num caderno sobre prostituição: o limiar é uma *zona*, lembrando fluxos e contrafluxos e apontando para um lugar e um tempo intermediários e, nesse sentido indeterminados.

O conceito de limiar pode ser pensado em Benjamin concomitante ao de fragmento e ao de ruína. Vejamos.

Nos seus textos sobre Baudelaire, Benjamin mostra o modo que a vida dos moradores das cidades grandes é exposta a vários incômodos, uma vez que as metrópoles são apresentadas como um mundo hostil e com riscos semelhantes aos encontrados nas épocas pré-civilizatórias. As ‘passagens’ parisienses são tomadas como mônadas da cidade de Paris, tal como se fossem um ‘mundo em miniatura’; através delas Benjamin critica o capitalismo emergente e seus perigos.

Nessa obra podemos ver o aspecto fragmentário da escrita benjaminiana, que não destaca fatos maiores ou menores nem faz referências eruditas a nada; todos os fragmentos tem o mesmo peso e Benjamin parece renunciar a explicações que coloquem qualquer citação num contexto mais amplo. Na verdade ele não realinha num texto coeso as citações que retira de outros contextos, apenas as compila em ‘arquivos temáticos’, que podem ser tomados como pequenos fragmentos que Benjamin coleciona.

Para o autor o colecionador tem uma tarefa importante que é ‘salvar’ os objetos que coleciona de sua funcionalidade ou encaixe numa lógica qualquer. Benjamin evidencia o valor dos

fragmentos no fato de apenas ‘mostrá-los’ – eles fazem ver uma realidade ao invés de servirem de elos para um raciocínio linear e conclusivo, que ele não possui.

Esta forma de tomar as coisas do mundo e de escrever sobre elas, isto é, privilegiando o fragmento, pode também nos remeter ao catador, o sucateiro, que se apropria dos restos e detritos que para a maioria das pessoas é inútil.

Restos, detritos, fragmentos, são resultado daquilo que explodiu, que quebrou e não tem mais seu contorno definido – daí apontamos pensa-los usando o conceito de limiar. Aquilo que se quebrou, se fragmentou, guarda em si o que foi mas não guarda seu contorno, sua *fronteira*.

A obra de Benjamin, principalmente as *Passagens*, pode ser tomada como uma compilação de limiars múltiplos. O autor descreve lugares de passagem, galerias, corredores, escadas, cômodos, objetos; fala de passagens pessoais e existenciais, territórios onde o indeterminado e o intermediário imperam. São descritas experiências de limiar, seja por transições pacientes, seja por transformações abruptas.

Benjamin afirma que ‘método é desvio’; quando nosso método é o desvio, ao tomarmos um objeto renunciamos a qualquer regra anterior ou exterior ao movimento mesmo da busca. Assim, nos perdemos na busca, nos deixamos perder para podermos buscar.

Essa experiência do ‘perder-se’, Benjamin diz que precisamos ‘aprender’ e pensamos que isto seria um caso exemplar de uma experiência de limiar. Em *Tiergarten*, primeiro fragmento de *Infância em Berlin*, vemos Benjamin referir-se ao aprendizado na arte de ‘se perder’.

Saber orientar-se numa cidade não significa muito. No entanto, perder-se numa cidade, como alguém se perde numa floresta, requer instrução. (BENJAMIN, 1900, pg 68, v,II)

Se trouxermos a idéia benjaminiana do ‘perder-se’ para a psicanálise tal qual Ferenczi ensinou e associarmos a ela as pequenas memórias, podemos ousar alguma coisa.

Parece que Ferenczi, privilegiando principalmente o campo do auto-erotismo com toda sua indeterminação e dispersão, aposta que perder-se seja a saída. Deixando-se levar pelos fluxos e contrafluxos afetivos, entendemos que coloca a clínica, não sem rigor, num espaço de possibilidades que entendemos estar *fora* do campo de trabalho da psicanálise clássica, aquele das representações. Este espaço é um limiar, tal como Benjamin traz, e assim podemos pensar que, embora com objetos de pesquisa distintos, nossos autores trabalham num mesmo campo.

Como Benjamin coloca, aprender a perder-se é algo importante, imprescindível para que se percebam as pequenas sutilezas e os fragmentos. Para ele é só assim que podemos resgatar as centelhas de algo que foi esfacelado e com elas constituir o novo, criar.

### **Vamos nos perder?**

Vamos tecer algumas considerações fazendo laços com nossas pequenas memórias. Não procuramos uma conclusão propriamente dita, mas um diálogo entre os conceitos que trouxemos com o intuito de avançar nas propostas clínicas de Ferenczi tendo como ‘farol’ a intercessão de Walter Benjamin.

O estranhamento que este título pode ter dado é o que entendemos como um ‘princípio’ que qualquer psicanalista seguidor e estudioso de Ferenczi aceita de bom grado. Vamos conferir.

Há um conceito em Ferenczi que gostaríamos de marcar – é o ‘sentir com’, *Einfühlung*.

Em *Elasticidade da Técnica Psicanalítica* (1927/28) Ferenczi traz uma discussão acerca deste conceito. Fala-nos da segunda regra fundamental da psicanálise, que é: ‘*quem quer analisar os outros deve, em primeiro lugar, ser ele próprio analisado*’, e coloca que quem foi analisado a fundo aprendeu a conhecer e controlar suas fraquezas e particularidades de caráter de modo a adotar em sua prática clínica medidas e técnicas usadas consigo próprio.

Traz a seguir uma importante conclusão, a saber, que para podermos ter o direito de formular qualquer juízo acerca de diferenças e erros por nós cometidos, devemos ter *convicção*. O que Ferenczi quer dizer? Vemos que o termo *convicção* é usado por ele como figura de retórica, não se remetendo com exatidão à questão que afirma ser importante na clínica, a saber, *o tato*.

Pensa que é necessário ao analista ter *tato* psicológico, ou seja, que deve saber *como* e *quando* dizer algo ao seu analisando de modo a possibilitá-lo tirar conclusões do que foi dito. Diz:

Adquiri a convicção de que se trata, antes de tudo, de uma questão de *tato* psicológico, de saber quando e como se comunica alguma coisa ao analisando, quando se pode declarar que o material fornecido é suficiente para extrair dele certas conclusões; em que forma a comunicação deve ser, em cada caso, apresentada; como se pode reagir a uma reação inesperada ou desconcertante do paciente; quando se deve calar e guardar outras associações; e em que momento o silêncio é uma tortura inútil para o paciente, etc. (FERENCZI, 1927/28, pg27,v.IV)

Podemos refletir nas palavras que o autor usa; ‘*quando e como*’ podemos fazer a comunicação, ‘*em que forma*’ deve ser essa comunicação e ‘*como se pode reagir*’ a uma reação inesperada do paciente, além de ‘*quando calar ou silenciar*’ de modo a não *torturar* sem necessidade o paciente. Ferenczi se refere a um cuidado especial que chama *tato*, *Einfühlung*.

Ao *tato* refere a faculdade de ‘sentir com’ como uma aguçada percepção da parte do analista, vinda principalmente do fato dele ter *dissecado* seu próprio eu. A dissecação é um termo usado na medicina e designa a separação ou isolamento de qualquer órgão ou parte dele afetado por uma enfermidade, separação que se segue a um exame rigoroso, uma análise minuciosa da parte em questão. Ora, Ferenczi parece nos dizer que sem que tenhamos feito um exame profundo de nós mesmos, não temos autoridade nem possibilidade de fazê-lo no outro.

O ‘sentir com’ não se refere ao reconhecimento de nossas próprias expressões emocionais *no* outro, nem a uma projeção de nossas próprias sensações *no* outro; também não se refere a uma identificação ou a qualquer tipo de procedimento especular. ‘Sentir com’ é uma modalidade de conhecimento e experimentação de afetos e sensações onde sujeito e objeto, eu e outro, coincidem momentaneamente. O ‘sentir com’ descreve um momento onde eu e outro não se distinguem, não há fronteira alguma que os separa nesse instante. O autor diz:

Como se vê, com a palavra “tato” somente consegui exprimir a indeterminação numa fórmula simples e agradável. Mas o que é o tato? A resposta a esta pergunta não nos é difícil. *O tato, é a faculdade de “sentir com” (Einfühlung).* (FERENCZI, 1927/28, pg 27,v.IV)

Um pouco mais adiante, no mesmo texto, Ferenczi fala que, imbuídos do *tato*, podemos adivinhar os pensamentos que estariam retidos no outro e que ele não percebe, e também as *tendências que lhe são inconscientes*. Fala também que um dos resultados esperados numa psicanálise seria o aprendizado para suportar sofrimentos e que, qualquer pressão a esse respeito quando desprovida do *tato* somente daria ao paciente aquilo que seu inconsciente mais deseja: ser subtraído da influência exercida pelo analista.

É importante colocarmos que Ferenczi ensina que essas ‘medidas’, quando adotadas pelo analista, geram em seu paciente uma impressão de *bondade*, ainda que as razões desta sejam intelectuais. Justifica este posicionamento dizendo que o *tato* exigido do analista em nada difere daquilo que este sentiria no lugar do analisando, ou seja, aquilo que não gostamos que façam a nós, que não façamos a outrem.

O autor afirma que esta ‘bondade’ tem como parâmetro o sentimento do outro. Temos:

Apresso-me a acrescentar, desde já, que a capacidade de exercer essa espécie de ‘bondade’ significa apenas um aspecto da compreensão analítica. Antes que o médico se decida a fazer uma comunicação, deve primeiramente retirar por um momento sua libido do paciente e avaliar a situação com frieza: em nenhum caso deverá deixar-se guiar só pelos seus sentimentos. (FERENCZI, 1927/28, pg 28, v.IV)

Podemos refletir acerca desta ‘bondade’ a qual Ferenczi se refere. Ele sempre ficou atento aos pequenos movimentos que ocorriam nas suas análises, muitas vezes referindo-se a eles até dentro de um referencial artístico.

Em *Fenômenos de Materialização Histórica* (1919) Ferenczi fala do ‘modo’ de formação dos sintomas histéricos designando-os por um ‘termo especial’: fenômenos de materialização. Descreve-os como consistindo em concretizar um desejo como que por ‘magia’ dando-lhe uma representação plástica tal como um artista. Ele diz:

Poderíamos chamá-lo (*ao modo de formação dos sintomas histéricos*) de fenômeno de materialização, visto que consiste essencialmente em concretizar um desejo, como que por magia, a partir da matéria de que o sujeito dispõe em seu corpo e em dar-lhe uma representação plástica – por primitiva que seja – à maneira de um artista que modela um material de acordo com a sua idéia, ou dos ocultistas que, a simples pedido de um médium, representam a ‘materialização’ de certos objetos. (FERENCZI, 1919,pg 47, v.III)

Podemos trazer aqui as palavras de Benjamin no nono capítulo de *O narrador* (1928/1935) ao referir-se à transmissibilidade da verdadeira narrativa. Benjamin compara a narrativa genuína com o trabalho do artesão dizendo que aquela seria uma forma artesanal de comunicação. O artista, assim como o narrador, transmitem em sua obra suas *marcas*, seus *vestígios*. Pontuamos estas marcas e vestígios como pequenas memórias.

Ela (a narrativa) não está interessada em transmitir o ‘puro em si’ da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso. (BENJAMIN, 1928/35, pg 205,v. I)

Vemos que tanto Ferenczi quanto Benjamin tomam como referência o trabalho do artista. Isto não nos parece ingênuo, uma vez que sabemos o que envolve as questões ligadas à arte. Trouxemos em nosso segundo capítulo, com José Gil, a percepção estética ligada a uma obra de arte, uma pintura. Gil levanta o movimento das pequenas percepções de Leibniz ao tomar um nível da percepção onde ‘nos misturamos’ ao objeto percebido, sem levarmos em conta as fronteiras entre as coisas. Comparamos este movimento ao que entendemos ser o movimento de nossas pequenas memórias.

Retomando Ferenczi, podemos nos aproximar ainda mais do ‘sentir com’. Para ele é necessário e até imprescindível que nos deixemos afetar pelos ínfimos movimentos afetivos no decorrer de uma análise. Estar atento a esses movimentos é se deixar envolver pelo outro, sentir e perceber o mundo tal como este o percebe.

Em *Infância em Berlim por volta de 1900* temos algo que parece interessante trazer, no sentido de refletir com Benjamin o conceito de limiar. Trata-se do trecho intitulado *Caçando borboletas*.

Com muita vivacidade Benjamin nos leva às casas de veraneio que anualmente se instalava. Aponta que por muito tempo o que lhe trazia recordações dessas casas era a caixa na parede de seu quarto, onde era abrigada uma coleção de borboletas. Ele descreve os insetos e nos conduz às caçadas, que iam dos caminhos mais bem cuidados do jardim para lugares ermos; lá descreve a união do vento, dos perfumes, das folhas e do sol como que ‘comandando’ o voo das borboletas. E Benjamin, ‘caçador’, esperava o momento de apanhar sua presa. Descreve então uma situação onde ele e a borboleta ‘se confundem, se mesclam’, remetendo-nos ao que entendemos como o tato em Ferenczi. Cito:

...Se uma vanessa ou uma esfinge (tipos de borboletas), que comodamente poderia ter alcançado, zombasse de mim com vacilações, oscilações e flutuações, então teria querido dissolver-me em luz e em ar a fim de me aproximar da presa sem ser notado e poder dominá-la. E esse desejo se fazia tão real, que lufavam sobre mim, que me irrigavam, cada agitar e cada oscilar de asas, pelos quais me apaixonava. Entre nós começava a se impor o antigo estatuto da caça: quanto mais me achegava com todas as fibras ao inseto, quanto mais assumia intimamente a essência da borboleta, tanto mais ela adotava em toda a ação o matiz da decisão humana, e, por fim, era como se a sua captura fosse o único preço pelo qual minha condição de homem pudesse ser reavida. (BENJAMIN, 1900, pg76, v.II)

O universo auto-erótico, que é privilegiado por Ferenczi, não tem contornos; a parcialidade pulsional pode ser comparada ao caos, um ‘caldo’ de fluxos e contrafluxos sem direção ou sentido, apenas intensidades. Entendemos se tratar de *limiaries*, como Benjamin nos mostra e relatamos anteriormente.

Podemos então pensar numa relação entre os conceitos de *sentir com* e de *limiar*. Como vimos, Benjamin traz em sua obra, principalmente nas *Passagens*, inúmeras descrições de galerias, corredores, escadas e ruas, lugares de passagens, nem lá nem cá, limiaries. São lugares que apontam para indeterminações, suspensões e hesitações. Benjamin nos convida, como dissemos, a nos perdermos, a aprendermos a nos perder. Isto para ele é uma ciência que

precisa ser aprendida. Sua obra, como bem diz Gagnebin, deve ser lida como ‘uma ciência dos limiares de múltiplas variações’(GAGNEBIN, 2010).

Entendemos que o fazer psicanalítico tal qual Ferenczi nos ensina, que leva em conta principalmente o universo do auto-erotismo, considera o *perder-se*. Ferenczi sempre foi criticado pelos colegas por sua ousadia; ou seria melhor dizermos *coragem*?

Pensamos que a obra de Ferenczi talvez também pode ser lida como uma ciência de limiares e entendemos ambos, Benjamin e Ferenczi, parceiros nas ‘pequenas memórias’.

### **Considerações finais:**

Acreditamos ter tocado em alguns pontos importantes da relação entre memória e clínica psicanalítica na tentativa de avançar no estudo e uso de conceitos trazidos a nós por Ferenczi. Procuramos colocar o termo *pequenas memórias* e usá-lo como nosso ‘fio condutor’ no trilhamento pela modalidade clínica que esse autor propõe, que difere daquela proposta por Freud.

A aposta ferencziana se ancora num pensamento que toma as catástrofes e os fragmentos deixados por ela numa perspectiva positiva, nunca colocando o trauma apenas como algo destrutivo e ruim. Fazendo-nos entender que importantes componentes de nossas vidas se ‘criam’ através de movimentos traumáticos, inclusive e principalmente nossa memória, Ferenczi nos mostra que as possibilidades de criação residem lá onde também reside a destruição.

Sim, desnaturalizar conceitos; estamos acostumados a entender catástrofes, destruições e eventos traumáticos apenas como movimentos incapacitantes e mortais. Ferenczi nos aponta em sua teoria do trauma o paradoxo, a tragicidade e a humildade como peças-chave para o entendimento do humano quebrando muitas regras onde a ciência da psicanálise foi alicerçada. Ao percorrermos sua obra vemos que toma essas categorias que comumente são vistas como apenas destrutivas num viés que as positiva; para ele importantes componentes de nossa personalidade são resultado de traumas, catástrofes e dos restos e fragmentos que estes eventos podem provocar.

Por privilegiar o tratamento de pessoas cujo eu se apresentava como cindido, pulverizado pelo resultado de um evento traumático (os chamados ‘pacientes difíceis’), Ferenczi trabalhou principalmente dentro do que a psicanálise denomina ‘auto-erotismo’, isto é, uma fase do desenvolvimento psicosexual descrito por Freud na qual podemos referir um funcionamento difuso, atravessado por forças e intensidades sem que seja delimitada qualquer fronteira fixa. Os ‘pacientes difíceis’ possuem características descritas como pertencentes à essa fase mas é importante apontarmos que o uso da técnica criada por Ferenczi não se limita àqueles pacientes, podendo ser estendido a qualquer funcionamento subjetivo.

Nossas pequenas memórias apresentam *forma e funcionamento* característicos desta fase, que aproximamos dos *signos de percepção* mostrados por Freud em sua Carta 52.

Vimos que a memória se dá por duas modalidades de inscrição, as *marcas* e os *traços*, baseando-nos na Carta 52 da correspondência que houve entre Freud e Fliess e na Introdução à metapsicologia freudiana(v.II) de Luiz Alfredo Garcia-Roza. Desta carta destacamos os *signos de percepção*, que seriam as *marcas*, primeira forma de entrada de um estímulo no aparelho psíquico; num segundo tempo haveria uma outra inscrição, os *traços*, que são nossa memória stricto sensu. Privilegiamos estas *marcas* equiparando-as às pequenas memórias.

Freud privilegiou em sua técnica um enfoque dado à memória da segunda inscrição, isto é, os *traços*; Ferenczi toma como enfoque principal a memória que *não* se inscreve nesse universo, ou seja as *marcas*.

A memória constituída por *traços* pode ser vista como o resultado das várias transcrições em registros pelas quais passam os estímulos perceptivos que entram no aparelho psíquico.

Estes *traços* se formam através da tradução de um registro para outro. Quando essa tradução falha, isso se dá pelo desprazer que ela poderia gerar – isto é o que caracteriza para Freud, o mecanismo do recalque. O *recalque* é o fato clínico que representa uma falha nessa tradução entre os registros. Nossa memória inconsciente é o conjunto desses traços que se fazem perceber, apesar de inconscientes, pelos sintomas.

Podemos entender os sintomas como uma *representação* deste material ‘recalcado’ contido em nossa memória inconsciente e a técnica psicanalítica clássica tem como foco ‘traduzir’ estes sintomas, ou seja, chegar ao entendimento do que eles representam.

Mostramos que em 1920 Freud se deparou com um tipo de sintoma que escapava desta lógica representacional. Trata-se da compulsão à repetição, onde o princípio do prazer parecia estar fora do jogo e onde os sintomas não representavam nada, eles *se apresentavam*, muitas vezes gerando grande incômodo e se repetiam incansavelmente. Este modo de funcionamento, repetitivo e com ‘aparições’, que apontamos como característico de nossas pequenas memórias.

O universo que Ferenczi privilegia e para o qual criou conceitos e formas de abordagem específicos, é este do auto-erotismo, da inscrição das marcas, do funcionamento que referimos. É o universo das pequenas memórias.

As categorias do *sensível* e do *sutil*, que entendemos como participando de nossas pequenas memórias, foram desenvolvidas através do conceito das pequenas percepções de Leibniz e

pela interessante leitura que José Gil faz delas. Marcamos em nossa pesquisa o que Gil coloca como *fenômenos relacionados a limiares*, uma vez que vemos possuírem iguais características quando equiparados ao auto-erotismo e às inscrições em forma de marcas. Entendemos estes fenômenos como pequenas memórias.

Walter Benjamin foi tomado como nosso principal intercessor. Encontramos na leitura que fizemos de sua obra grande semelhança com o posicionamento que Ferenczi tem frente às catástrofes e aos restos e fragmentos que dela podem resultar, e buscamos no pensamento de Benjamin um modo de avançar no entendimento das ideias de Ferenczi. Benjamin realiza uma grande crítica ao progresso, tomando sob diferentes enfoques o que entendeu como um tipo de declínio da modalidade de experiência onde havia um compartilhamento das tradições, a *Erfahrung*; no lugar desta, a modernidade traz outra experiência, a *Erlebnis*, que não leva em conta como aquela as relações comunitárias e tradicionais.

Além disso, apontamos a concepção de revolução que Benjamin traz, que não a vê resultado ‘natural’ do progresso, mas sim como um ‘corte’ da evolução histórica que conduz á catástrofe – freando o progresso pela revolução, chegamos à catástrofe e dela é que se abrem as saídas.

Vimos que Isaac Luria (1534-1572), importante cabalista, elaborou um sistema místico que toda comunidade judaica partilhou. Este sistema foi apresentado a Benjamin por Scholem e quando o olhamos mais de perto, vemos que encontramos entendimento acerca do modo que Benjamin toma os fragmentos trazidos por uma catástrofe. Apontamos a semelhança deste posicionamento benjaminiano com a forma pela qual Ferenczi vê a positivação de eventos traumáticos.

Entendemos que o que Benjamin traz com o conceito de *limiar* pode ‘alargar’ nosso entendimento acerca da clínica psicanalítica praticada por Ferenczi. Trata-se da ideia de ‘perder-se’, que colocamos em nosso último capítulo.

Para Benjamin a experiência de perder-se *deve* ser aprendida. Num fragmento de *Infância em Berlim* Benjamin refere-se à arte de perder-se dizendo que não significa muito nós nos orientarmos numa cidade, mas *perder-se* nela necessita instrução.

Como para Ferenczi o funcionamento pulsional e psíquico tem seu fundamento no campo do auto-erotismo, onde vimos que fluxos e contrafluxos de energias, indeterminações e

dispersões são os fatores determinantes, apostamos que o ‘convite’ realizado por Benjamin de ‘perder-se’ parece ser uma saída.

Entendemos com Ferenczi que o *tato* psicológico, o ‘sentir com’, seria fator determinante num processo terapêutico. Para ele é necessário, até mesmo imprescindível, que nos deixemos afetar pelas mínimas ondas de afeto que circulam no espaço analítico; estas ‘ondas’ são intensidades dispersas que se fazem perceber por pequenos movimentos, pequenas memórias.

Podemos então pensar que os conceitos de *sentir com* de Ferenczi e de *limiar* em Benjamin são relacionados, um se entrelaçando no outro, ambos tendo o *perder-se* como base.

Para Ferenczi, deixar-se afetar pela atmosfera que circula durante o processo analítico é estar conectado em detalhes, minúcias, que não são ‘percebidas’, são *sentidas e compartilhadas*. Apontamos que só se deixando perder, só tendo coragem para isso, pode se dar tal conexão que tem, para nós, a qualidade das pequenas memórias.

**Referências:**

**-BENJAMIN, W.** (1892-1940) Obras escolhidas v.I, II e III. São Paulo: Brasiliense, 1994.

\_\_\_\_\_ O Narrador, 1928-35, v.I, pg 197-221

\_\_\_\_\_ Experiência e Pobreza, 1933, v.I, pg 114-119

\_\_\_\_\_ Sobre alguns temas em Baudelaire, 1939, v.III, pg 103-149

\_\_\_\_\_ Infância em Berlim por volta de 1900, v.II. pg 66-134

**-FERENCZI, S.** (1873-1933) Obras Completas. v.I, II, III e IV, São Paulo: Martins Fontes, 1992.

\_\_\_\_\_ A respeito das psiconeuroses, 1909, v.I, pg 41-56

\_\_\_\_\_ O desenvolvimento do sentido de realidade e seus estágios, 1913, v.II, pg 39-53

\_\_\_\_\_ Fenômenos de materialização histórica, 1919, v.III, pg 41-53

\_\_\_\_\_ Thalassa, ensaio sobre a teoria da genitalidade, 1924, v.III, pg 255-325

\_\_\_\_\_ Elasticidade da técnica psicanalítica, 1927/28, v.IV, pg 25-36

\_\_\_\_\_ Análises de crianças com adultos, 1931, v.IV, pg 69-83

\_\_\_\_\_ Diário Clínico, 1932

\_\_\_\_\_ Reflexões sobre o trauma, 1932, v.IV, pg 109-117

\_\_\_\_\_ Confusão de língua entre os adultos e a criança. 1933, v.IV, pg 97-106

**-FREUD, S.** (1856-1939) Obras Completas. ESB. 24 volumes, Rio de Janeiro: Imago, 1969.

\_\_\_\_\_ Estudos sobre a histeria, 1893/95, v.II

\_\_\_\_\_ Projeto para uma psicologia científica, (1950[1895]), v.I

\_\_\_\_\_ Carta 52, 1896, v.I

\_\_\_\_\_ A interpretação dos sonhos, 1900, v.IV e V

\_\_\_\_\_Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, 1905, v.VII

\_\_\_\_\_O Moisés de Michelangelo, 1914, v.XIII

\_\_\_\_\_O inconsciente, 1915, v.XIII

\_\_\_\_\_Além do princípio do prazer, 1920, v.XVIII

\_\_\_\_\_Construções em análise, 1937, v.XXIII

**-GAGNEBIN, J M.** ( - ) Entre a vida e a morte. in OTTE,G et all (orgs) Limiares e passagens em Walter Benjamin. Belo Horizonte: ed UFMG, 2010.

**-GARCIA-ROZA, L A.**(1936- ) Introdução à metapsicologia freudiana – A interpretação do sonho. V.2. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

**-GIL, J.** (1939- ) A Imagem-Nua e as Pequenas percepções. Lisboa: Relógio D'Água, 1996.

**-GINZBURG, C.** (1939- ) Mitos, Emblemas, Sinais. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

**-LEIBNIZ, G W.** (1646-1716) Novos Ensaio sobre o Entendimento Humano. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

**-LÖWY, M.** (1938- ) Judeus heterodoxos. São Paulo: Perspectiva, 2012.

**-SCHOLEM, G.** (1897-1982) As grandes correntes da mística judaica. São Paulo: Perspectiva, 2008.